

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

SILVÂNIA MARIA DE SOUZA PEREIRA

**ESTUDO SEMÂNTICO-FUNCIONAL DA PALAVRA *RANÇO* NORTEADO PELA
TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS**

Cáceres, MT

2022

SILVÂNIA MARIA DE SOUZA PEREIRA

**ESTUDO SEMÂNTICO-FUNCIONAL DA PALAVRA RANÇO NORTEADO PELA
TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Marcos Luiz Cumpri.

Cáceres, MT

2022

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

PEREIRA, Silvânia Maria de Souza.

P436e Estudo semântico-funcional da palavra ranço norteado pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas / Silvânia Maria de Souza Pereira – Cáceres, 2022.

72 f.; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso

(Dissertação / Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

Orientador: Marcos Luiz Cumpri.

1. Linguística. 2. Ranço. 3. Sentido. 4. Invariantes. 5. Gíria.
I. Silvânia Maria de Souza Pereira. II. Estudo Semântico-Funcional da Palavra Ranço Norteado Pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

CDU 81'3

SILVÂNIA MARIA DE SOUZA PEREIRA

**ESTUDO SEMÂNTICO-FUNCIONAL DA PALAVRA RANÇO NORTEADO PELA
TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Marcos Luiz Cumpri
Orientador – PPGL/UNEMAT

Dr. Albano Dalla Pria
Avaliador Interno - PPGL/UNEMAT

Dra. Leonildes Pessoa Facundes
Avaliador Externo – UEMA

APROVADA EM: 17/12/2021

DEDICATÓRIA

A Deus,
por ser meu guia,
o mestre dos mestres,
em todos os momentos
da caminhada;
Aos meus pais
Antônio e Neuza
pelo dom da vida
e amor incondicional;
Ao meu esposo
Clayton Urbano Pereira
pela paciência,
incentivo, amor e compreensão;
Aos meus preciosos filhos,
Isabella, Sophia e Raphael
pelos beijos e abraços,
todo amor e carinho de sempre;
Aos meus irmãos
pelo incentivo e carinho;
Aos amigos
que me incentivaram
e não me deixaram
esmorecer
nesse percurso.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão, primeiramente, a Deus por me permitir concluir esse trabalho maravilhoso, foram muitas as adversidades enfrentadas para poder finalizá-lo, ainda mais em tempos de pandemia, porém cheguei ao fim desta etapa com sucesso.

Agradeço ao meu esposo e filhos queridos, por serem meu alicerce, minha base, sei que passamos muitos momentos difíceis e vocês foram fundamentais para que eu não desistisse. Muito obrigada Clayton Urbano Pereira, por seguir comigo, entre tantos desafios, você fez de tudo para que eu conseguisse chegar ao final desse trabalho, fácil não foi, mas tive você para me amparar, ouvir, chorar, aconselhar, criticar e até bronquear para que eu não desistisse do meu sonho. Sei que seu amor é incondicional. Obrigada meus filhos, Isabella, Raphael e Sophia, vocês sofreram minha ausência, porém foram compreensíveis, mesmo tão pequenos, colaboraram com a mamãe, amo vocês, muita gratidão por tudo meus amados.

Ao meu orientador, Dr. Marcos Luiz Cumpri, minha eterna gratidão, por ter escolhido meu trabalho e aceitado me orientar, mesmo sem nos conhecermos pessoalmente, devido a pandemia. Te agradeço, professor, por compreender minhas limitações de pesquisadora iniciante, pela paciência, pelo carinho e pelo respeito, sobretudo, pela colaboração mais que significativa nessa trajetória da pesquisa e escrita.

Ao professor Dr. Albano Dalla Pria e professora Dra. Leonildes Pessoa Facundes, pela colaboração, e principalmente, pelas riquíssimas contribuições na minha pesquisa, como também, para meu desenvolvimento como acadêmica e profissional, muito obrigada!

À Elina Monteiro Rodrigues e Rosângela Vimoshona, por me motivarem e darem todo apoio no meu projeto inicial, gratidão.

Ao Professor Dr. Taisir Mahmudo Karim por suas contribuições ao projeto inicial.

As amigas Cristiane da Silva Lima e Maria Emanoeli, que me impulsionaram a seguir com minha dissertação, pois muitas vezes senti-me fraca e pensava que não daria conta, vocês com suas palavras, foram fundamentais para eu estar aqui hoje nesse processo final. Gratidão!

As amigas, Karla Silva Oliveira Sandrini, Maria Helena dos Santos Farias, Sanny Kellen A. C. Canuto e Raquel Servino da S. Albares, parceria desde o início do mestrado, um elo que a cada dia foi se tornando mais forte, mesmo sem conhecer todas pessoalmente, salvo Maria Helena que foi minha aluna. Vocês meninas são maravilhosas, juntas desde o início, comemoramos, choramos, sofremos, alegamos com cada etapa concluída, cada uma de vocês

tornou-se fundamental em minha vida, em todo o processo, cada palavra de incentivo, proferida durante o percurso, para não deixar nenhuma de nós se abater perante as adversidades, foi de muita valia e importância para o nosso crescimento e amadurecimento, em todos os sentidos. Meninas queridas, minha eterna gratidão!

Um agradecimento especial ao PPGL e Unemat, durante o mestrado eu vivi experiências inexplicáveis. Aprender a ser pesquisadora, almejar o título de mestre, é ir além da realização de um sonho profissional, é um crescimento, uma evolução sem medida. A escrita me levou ao autoconhecimento de meus limites físicos e psicológicos, a vivência intensa desse momento foi de suma importância para eu entender o verdadeiro sentido da palavra Mestrado.

Sabemos que o caminho é árduo, muitos foram os desafios, houve mudanças e as mudanças, por mais dolorosas, me fizeram florescer.

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.
(Com licença poética (1976) - Adélia Prado)

“Não rimarei a palavra sono
Com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
Ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
Elas saltam, se beijam, se dissolvem,
No céu livre por vezes um desenho,
São puras, largas, autênticas, indevassáveis.
(...)

(Carlos Drummond de Andrade em "A Rosa do Povo").

[...] há sempre proliferação da linguagem a partir de
si mesma; temos sempre um jogo de formas e um
jogo de significações. A comunicação se dá nesse
ajustamento mais ou menos bem sucedido, mais ou
menos desejado [...]

(CULIOLI, 1999a, p.48)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado se concentra na área de Estudo de Processos Linguísticos, Linha de Pesquisa Estudo de Processos de Significação, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística (PPGL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Nossa pesquisa visou uma descrição linguístico-enunciativa da unidade linguística ‘ranço’, do português brasileiro, que tem sido considerada uma gíria para designar, a partir de um aparente empréstimo de sentido, em contextos específicos, ‘repulsa’ a algo ou de alguém. Nesse cenário, o problema que colocamos é que não se sustenta a hipótese de que a gíria, enquanto um desvio do padrão, toma emprestado um semantismo estável de uma unidade (um ponto de partida de significação) e dele cria valores aproximados (pontos de deformação de significação). Isso para mostrarmos que a distinção que poderia propor uma semântica clássica entre o que se tem como valor descritivo (ranço de doce de leite, por exemplo) e valor subjetivo (ranço de pessoas mal humoradas, por exemplo) se despolariza quando é para o sentido brotado no enunciado que olhamos. A investigação se inscreveu na perspectiva teórica fundamentada nos escritos e nas aulas de Antoine Culioli, fundador da Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (TOPE) para que se cumprissem os seguintes objetivos: (i) descrever o funcionamento semântico-enunciativo da unidade lexical ‘ranço’ como contribuição à linguística enunciativa; (ii) identificar as regularidades e os princípios capazes de gerar a variação de sentido de ‘ranço’ em situação enunciativa, (iii) formalizar a variação de sentido de ‘ranço’ a partir de um conjunto de enunciados, (iv) revisitar, criticamente os principais estudos sobre a gíria no português brasileiro. Metodologicamente nos apoiamos em conceitos operatórios da TOPE, como a organização do domínio nocional e a elaboração de forma esquemática. Para a coleta de material de análise, selecionamos 50 enunciados extraídos de fontes diversas: redes sociais, plataformas de dados português, etc.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, ranço, sentido, invariantes, gíria.

ABSTRACT

Título em inglês: SEMANTIC FUNCTIONAL STUDY OF THE WORD RANÇO GUIDED BY THE THEORY OF PREDICTIVE AND ENUNCIATIVE OPERATIONS

This work focuses on the area of Study of Linguistic Processes, Research Line Study of Meaning Processes, of the Postgraduate Program *Stricto Sensu* in Linguistics, of the University of the State of Mato Grosso. Our research aimed at a linguistic-enunciative description of 'ranço' (rancid in English), a linguistic unit of Brazilian Portuguese which has been considered a slang term to designate, from an apparent borrowing of meaning, in specific contexts, 'repulsion' to something or someone. In this scenario, the problem we pose is that the following hypothesis is not true: slang, as a deviation from the standard, borrows a stable semantism of a unit (a starting point of meaning) and creates approximate values from it (deformation points). This is to show that the distinction that a classical semantics could propose between what has as a descriptive value and subjective value is depolarized when we look at the utterance meaning. The investigation was supported by the theoretical perspective of Antoine Culioli, founder of the Theory of Predictive and Enunciative Operations. We aim to fulfill the following objectives: (i) describe the semantic-enunciative functioning of the 'ranço' as a contribution to enunciative linguistics; (ii) identify the regularities and principles capable of generating the variation in the meaning of 'ranço' in an enunciative situation, (iii) formalize the variation in the meaning of 'ranço' from a group of utterances, (iv) revisit critically the main studies on slang in Brazilian Portuguese. Methodologically, we rely on Culioli's operative concepts, such as the organization of a notional domain and its schematic form elaboration. Our corpus has 50 utterances extracted from different places: social networks, Portuguese data platforms, etc.

KEYWORDS: Language, rancid, meaning, invariants, slang.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
SEÇÃO 1	15
1. BREVE REFLEXÃO LINGUÍSTICA.....	15
SEÇÃO 2.....	19
2. A GÍRIA COMO UMA MANIFESTAÇÃO LINGUÍSTICA: DA HISTORIOGRAFIA AOS RECORTES ANALÍTICOS FEITOS POR DIFERENTES CORRENTES.....	19
2.1 COMO A CIÊNCIA DA LINGUAGEM LIDA COM A OPOSIÇÃO SENTIDO LITERAL X SENTIDO FIGURADO?.....	22
SEÇÃO 3.....	266
3. A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS	266
3.1 As Línguas naturais para Culioli	28
3.1.1 O que é linguística para Culioli?.....	29
3.1.2 O conceito de linguagem: atividade de representação, referenciação e regulação	31
3.2 Os 3 níveis de representação: nocional, predicativo e enunciativo	36
3.2.1 As Atividades de linguagem: epilinguística, linguística e metalinguística.....	39
3.2.2 A importância de se pensar a articulação língua e linguagem e articulação léxico e gramática.....	40
3.3. Sentido, referência e valores referenciais.	42
3.4 A enunciação e o enunciado	43
3.5 Por que enunciado não é frase na TOPE?.....	45
3.6 Operações de estabilização de sentido: parafraseagem, glosagem e desambiguação....	46
3.7 O centro da Teoria: noção e organização de domínios nocionais.....	47
3.7.1 Interior, exterior e fronteira	50
3.7.2 O centro atrator e a ocorrência privilegiada.....	51
3.7.3 O tipo, o atrator	51
3.7.4 O alto grau	53
SEÇÃO 4.....	54
4.1 AS ANÁLISES.....	54
4.2 A Metodologia e análise	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado se concentra na área de Estudo de Processos Linguísticos, Linha de Pesquisa Estudo de Processos de Significação, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Nossa pesquisa é com a descrição linguístico-enunciativa da palavra ‘ranço’, do português brasileiro.

A investigação semântico-funcional que propomos da marca¹ ‘ranço’, nessa dissertação, é relevante em vários aspectos, e ganha destaque, a nosso ver, porque lança um olhar para as relações entre sujeitos no cenário atual da descrição linguística no Brasil.

A gíria é considerada uma manifestação da fala popular, coloquial. Dentre as tantas existentes na língua portuguesa do Brasil, ‘ranço’ ganha destaque especial, por seu crescente uso, conforme se pode constatar no corpus dessa pesquisa. O problema que fomenta o trabalho pretendido é o de que ‘ranço’ tem sido cada vez mais utilizada em situações que tomam emprestado seu semantismo em prol de valores que a aproximam do que seria uma gíria para designar, a partir de um aparente empréstimo de sentido, em contextos específicos, ‘repulsa’ a algo ou de alguém.

Do mesmo modo que diversas correntes da Linguística, entre elas a Sociolinguística e as correntes discursivas, não seriam capazes de negar que gírias são demonstrações dos movimentos de sentido que contribuem para a análise das línguas naturais, sobretudo em contextos sociais, também não seriam capazes, dadas suas escolhas metodológicas, de notarem as operações de linguagem (processos cognitivos) que levam ‘ranço’ a pontos provisoriamente estáveis de sentido diferentes daqueles dos dicionários.

Sendo assim, acreditamos que essa investigação deva se inscrever na perspectiva teórica fundamentada nos escritos e nas aulas de Antoine Culioli, fundador da Teoria das Operações Predicativas Enunciativas, TOPE. Esta é a corrente teórica capaz de explicar os processos de variação de sentido dessa marca, atrelados aos traços dos sujeitos no enunciado em que ela ocorre.

Antoine Culioli (1924 – 2018) foi um linguista francês que incidiu sua pesquisa nas invariantes que fundam e regulam a atividade da linguagem, tal como ela aparece nas configurações das diferentes línguas e procurou, dessa forma, pesquisar os momentos anteriores

¹ Em vários momentos dessa pesquisa ‘marca’ toma lugar do que comumente poderia se chamar de ‘palavra’, ‘termo’ ou ‘unidade linguística’. Isso se motiva por nossas escolhas teórico-metodológicas.

às estabilizações, para assim, compreender como o homem constrói a significação por meio da atividade de linguagem.

Metodologicamente nos apoiaremos em conceitos operatórios da TOPE, como a organização do domínio nocional e a elaboração de forma esquemática, com o intuito de compreender como se dá o processo de variação de sentido, a regularidade que há no processo de variação, a identificação do elemento que estabiliza e as possibilidades de emprego do elemento estabilizado.

Nessa perspectiva, colocamos como norte: em que a identidade semântica de uma marca se ancora no processo enunciativo? Simplesmente na interação das unidades e de seus cotextos e contextos? A análise em si, por meio da reverberação das operações de linguagem, sustenta nosso problema de pesquisa? A linguagem se presta a descrever algo exterior?

Para alcançarmos nosso objetivo, selecionamos o corpus, com as ocorrências da marca ‘ranço’, a partir de um conjunto de 50 enunciados extraídos de fontes como: redes sociais, plataformas de dados português, etc.

Para demonstrar a hipótese levantada, nosso trabalho está dividido em 04 seções, assim distribuído:

Na primeira seção trazemos o título - Breve reflexão Linguística – aqui tecemos um breve panorama a respeito das bases teóricas que fomentam a formação da linguística como ciência, adentrando aos estudos da semântica, perpassando sobre o conceito de enunciação na perspectiva de teóricos como: Benveniste (1995), Zavaglia (2010), De Vogüé (2011), Cox (2017), Ilari e Geraldi (2003).

Na segunda seção, intitulada - A gíria como uma manifestação linguística: da historiografia aos recortes analíticos feitos por diferentes correntes - foi realizado um breve percurso histórico para compreender a origem da gíria como manifestação linguística, neste capítulo trazemos discussões de teóricos como: Dino Preti (2008), Patriota (2009) e Simões, (2009), a respeito do assunto e como diferentes correntes lidam com a rápida incorporação desses vocábulos em diferentes espaços de comunicação social. O segundo capítulo desta seção intitulada - Como a ciência da linguagem lida com a oposição sentido literal x sentido figurado - pretendemos apresentar a noção de sentido literal e sentido figurado, a partir da ótica de alguns teóricos como: Pêcheux (1988), Vereza (2007), Stumpf, Gomes, (2016).

Na terceira seção apresentaremos os conceitos teóricos e metodológicos fundamentais da TOPE. Este capítulo se subdivide em sete itens, nos quais elencamos o posicionamento de

Culioli em relação à Linguística. Esta fundamentação teórica serve de base para as análises desenvolvidas na seção posterior.

Na quarta e última seção exibiremos as análises, um estudo dos enunciados com a marca 'ranço', e a partir daí, identificar nas ocorrências, as regularidades e os princípios capazes de gerar a variação de sentido de 'ranço' em situação enunciativa.

SEÇÃO 1

1. BREVE REFLEXÃO LINGUÍSTICA

A Linguística é hoje uma ciência que estuda a linguagem, porém, pode-se observar através dos estudos, que a linguagem era estruturada numa visão histórico-comparativo a qual Saussure chamou de diacrônica. O objeto da Linguística histórica era estudar a transformação da linguagem no decorrer do tempo. E o sistema a ser descrito pela linguística era um construto homogêneo, ou seja, não eram consideradas eventuais variações ou influências típicas da fala sobre os elementos da língua. “A fundação da Linguística como ciência se fez mediante imperativos metodológicos que romperam com o atomismo vigente na gramática histórica e comparada, tais como: não tomar por objeto a filosofia da linguagem, nem a evolução dessa ou daquela forma linguística, mas a língua em si” (COX, 2017, p.1113).

Saussure rompeu com a posição historicista do século XIX por considerar que a língua se constituía por signos e estes se definiam pelas relações que têm entre si, sem recurso a nada que seja exterior.

No século XX, Saussure fez cortes/exclusão tanto no objeto como na questão temporal para tornar a Linguística uma ciência, pois o método diacrônico não sustentava para que a linguística se tornasse uma disciplina. Assim, a Linguística retoma o caráter científico dos estudos da linguagem, determinando a língua como seu objeto. Antes disso, língua e linguagem foram objetos de estudo de inúmeras ciências tais como a filosofia, a lógica, a filologia, entre outros.

Nesse sentido, de acordo com Cox (2017, p. 1114):

O florescimento da Linguística da língua, nas primeiras décadas do século XX, significou, assim, o desenvolvimento da fonologia, morfologia, sintaxe, ramos do chamado núcleo duro, mas não o da semântica. Pensavam principalmente os estruturalistas americanos, a exemplo de Bloomfield, que o essencial à língua era a forma e não o sentido. Rechaçado sob a pecha de aspecto mental, psicológico, subjetivo, o sentido foi negligenciado por essa linguística que contemplava apenas o aspecto formal da língua.

Ferdinand de Saussure, é considerado o precursor do movimento estruturalista europeu e mentor intelectual do Curso de Linguística Geral, cuja primeira edição data de 1916. Essa

obra influenciou os estudos em ciência da linguagem nos últimos cem anos, pelo menos, inclusive os de Semântica, que é a área em que nossa pesquisa toma espaço.

Os estudos semânticos posteriores a Saussure vêm apresentando a noção de sentido ou significação, sempre como uma relação envolvendo algum dos elementos da exclusão do corte saussuriano.

Enquanto Saussure com o corte, exclui o referente, o filósofo Frege - que teve grande influência nos estudos sobre a significação com seus trabalhos de distinção entre sentido e referência – trata o sentido como modo de se conhecer a referência.

Segundo Frege o sentido só nos permite conhecer algo se a ele corresponder a uma referência. “Deste modo, Frege põe em pauta, no campo da lógica a questão do sentido, mantendo a necessidade do tratamento da referência” (GUIMARÃES, 1995, p. 28). Considera-se que a partir de Frege a Semântica passa ser reconhecida como ciência.

Tomando a afirmativa de que “a semântica é um domínio de investigação de limites moveáveis” (ILARI, GERALDI, 2003, p.06), apresentaremos uma breve reflexão sobre o conceito de enunciação, o qual é fundamental para a linguagem, pois, é através da linguagem que o homem se significa em seu meio. “A essa altura podemos delimitar a semântica como sendo o estudo do significado, isto é, a ciência das significações através do qual são estudados os problemas suscitados sobre o significado” (SOUZA, 2017, p. 37). Essa terminologia está, desde muito tempo, presente nos estudos linguísticos. Silva (2018, p. 122), ressalta que,

para alguns estudiosos das línguas naturais, a enunciação é um elemento indispensável para a compreensão da significação linguística (a partir da análise de enunciados), pois diversos fenômenos semânticos só podem ser compreendidos quando se considera a dimensão da língua em que ela de fato acontece, em que é colocada em funcionamento. As reflexões desses estudiosos têm sido reunidas em uma mesma linha de estudos semânticos conhecida como Semântica da Enunciação. O comum entre essas reflexões é que quando se estuda o sentido considera-se sua relação com a enunciação, cujas características são identificadas a partir da observação do enunciado.

O francês Émile Benveniste é um dos estudiosos da enunciação, ao linguista é atribuída a proeza de ter inserido as noções de enunciação e de subjetividade nos estudos de significação.

A inquietação de Benveniste consiste em descobrir como se vai da língua à fala, como o processo puramente virtualizado da língua passa a se materializar através da linguagem. Ele descobre então que essa transição da virtualização à materialidade, só é possível através da enunciação, que seria a “colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1995, p. 10).

Para Benveniste o discurso é o dizer que é produzido todas as vezes que falamos, esta manifestação é da enunciação, “a enunciação é a acentuação da relação com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”, (*idem*, 1989, p.87).

“Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso que emana de um locutor [...]” “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia” (*idem*, 1989, p. 84), assim a enunciação se constitui.

Ao tratar sobre “O aparelho formal da enunciação” em seu livro Problemas de Linguística Geral II, publicado no ano de 1989, Benveniste (1989, p.82), faz uma observação,

É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é o nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação.

A enunciação definida por Culioli, presente na Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (TOPE), difere de Benveniste, pois, como diz De Vogüé (2011, p.60), “não coloca em jogo, nenhum sujeito *a priori*, muito menos o sujeito locutor”. A autora explica que

a questão não é a de um sujeito que se enuncia em face de outros sujeitos; e o que está em jogo não é compreender como ele se enuncia. Em outras palavras, a enunciação não é aqui concebida como um ato (para Benveniste, trata-se bem de um ato de apropriação da língua): não é o ato de um sujeito produzindo um enunciado, é um processo que se recupera a partir do enunciado (DE VOGÜÉ, 2011, p. 59).

Segundo Zavaglia (2010, p.21), a teoria culioliana está na continuidade de Emile Benveniste por uma aproximação que “se realiza pela primazia que Culioli dá à atividade linguageira, postura que consiste em fundamentar as análises na linguagem e não na língua. A perspectiva enunciativa integra os parâmetros da intersubjetividade que decorrem da situação de enunciação”. Ainda nas palavras da autora, referindo-se à teoria de Saussure, “não é exatamente a dicotomia *langue e parole* que se torna acessória perante o objeto de estudo culioliano; é, ao contrário, o interesse por aquilo que o linguista não controla nem manipula – a linguagem e a fala, descartadas por Saussure – que se renova” (*idem*, 2010, p.35).

Neste sentido nota-se que para Benveniste a significação resulta da conversão da língua em discurso, enquanto para Culioli, a significação se dá na atividade de linguagem. “A partir do momento em que Culioli reintegra à linguística não só a atividade de linguagem, mas

também o sujeito, ele redimensiona automaticamente a relação entre palavra, sentido e significação” (ZAVAGLIA, 2010, p.73).

Barbisan e Flores (2009, p.06), definem o conceito de enunciação na TOPE como “o processo de constituição de sentido no enunciado, cujas formas remetem à produção de valores referenciais”. E ainda acrescentam que,

os mecanismos enunciativos devem ser analisados no arranjo de formas expressas no *enunciado*, sendo que este é o objeto de análise e é nele que se torna possível reconstituir a enunciação. Esses mecanismos são um *sistema de representações* formalizáveis como um encadeamento de operações, marcas da enunciação no enunciado (*idem*, 2009, p.06, grifos do autor).

Neste contexto observa-se que o termo enunciação, desde muito tempo, vem sendo vinculado à linguagem como um elemento fundamental para a compreensão da significação nos estudos linguísticos. Ressaltamos também que Culioli se interessa pela linguagem como atividade simbólica e atividade enunciativa, já que na TOPE a enunciação é vista como um processo de construção de sentido, pois, quando se estuda o sentido é necessário considerar sua relação com a enunciação e tudo isso é algo que se recupera a partir do que foi enunciado.

SEÇÃO 2

2. A GÍRIA COMO UMA MANIFESTAÇÃO LINGUÍSTICA: DA HISTORIOGRAFIA AOS RECORTES ANALÍTICOS FEITOS POR DIFERENTES CORRENTES.

O papel da linguagem é fundamental nas relações entre os seres humanos. A comunicação, o ato de enunciar, se efetiva por meio da linguagem tanto verbal quanto não verbal, variando de acordo com os grupos sociais. “Vários pesquisadores brasileiros têm recorrido aos estudos enunciativos para (re)dimensionar a compreensão da comunicação humana e dos mecanismos linguísticos implicados no funcionamento da língua e das diferentes formas da linguagem” (AGUSTINI; LEITE, 2017, p.1102).

A expansividade da língua em decorrência do seu contexto favorece o surgimento de diversos registros incorporados na fala e escrita. Registros estes que empregados na língua tomam significações de acordo com suas proposições.

A língua portuguesa é composta por diversas variantes que sofreu e sofre várias transformações ao longo do tempo, podemos notar que a língua, na fala de cada pessoa, ou seja, na enunciação, sofre variações e interpretações diversificadas, pois a língua é heterogênea. A existência de diversas construções lexicais, fonética, sintática e morfológica são responsáveis por explicar as variantes linguísticas.

Assim como o ser humano evoluiu as palavras também seguiram esse caminho transformando-se e adquirindo características fundamentais para um grupo social. Logo, foram surgindo as gírias, as quais utilizadas na comunicação e partilhadas nas relações sociais é hoje parte integrante da personalidade de alguns usuários da língua.

Podemos definir a gíria como um neologismo popular, segundo Carvalho (1987, p. 04), “para designar neologismos populares, a palavra mais abrangente é gíria – originária do espanhol *geringonza*, passando para o português com o sentido de objeto complicado”. A autora também coloca que “a gíria no Brasil tem as mais diversas origens, desde o tupi às línguas africanas, nos primeiros tempos, até o espanhol” (*idem*, p.04).

As primeiras manifestações da gíria no Brasil, em sua forma escrita, tiveram “início no fim do século XIX, mais precisamente no Rio de Janeiro, capital do Brasil, emanada pelo teatro realista e pela prosa dos romancistas do Naturalismo” (SIMÕES, 2009, p. 24), porém, não

podemos especificar, precisamente quando surgiu, haja vista que os dados das primeiras manifestações eram na oralidade e não se têm registros das mesmas.

A gíria, por ser considerada uma nomenclatura grosseira, rude e até de baixo calão, não era aceita pela sociedade denominada “cultura”, nem mesmo pelos gramáticos da Língua Portuguesa. A mesma “nasceu do submundo social e essa sua gênese gerou um acentuado preconceito em relação ao seu uso por outras classes, o qual, embora atenuado, permanece até hoje. A gíria, pois, é o vocabulário de uma anti-sociedade” (PRETI, 2000, p. 253). Essa terminologia costumava ser relacionada a classe de pessoas “não cultas” e decorrente disso incidia o preconceito social².

Segundo Carvalho (1987, p. 54), “se o neologismo comum, o de origem “nobre”, literário ou técnico-científico, encontrava barreiras para a sua aceitação, quantos preconceitos cercavam a aceitação da “gíria”, neologismo de origem “inferior”, popular.

Contudo, na década de 70 com os estudos linguísticos ascendendo no Brasil, e o notável crescimento do vocabulário gírio, a gíria passou a ser estudada com mais propriedade na perspectiva descritiva e não normativa. Com destaque ao estudo tem-se o professor Dino Preti. Ele contribuiu para quebrar a questão pejorativa que cercava a palavra gíria. Segundo Preti (2008, p.02),

a gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens. Como vocabulário de grupo ela surge também entre os mais diversos grupos sociais, desde que possa constituir uma marca identificadora desses grupos.

Tais grupos, portanto, podem ser tanto pessoas de classe social alta como pessoas de classe social baixa e independentemente da idade, por isso “não se deve pensar ser, a gíria, propriedade das classes populares. Ela se estende às pessoas cultas, às classes dominantes, quando recorrem a registros mais espontâneos” (CARVALHO, 1987, p. 53).

De tal modo, pode-se constatar que a linguagem gírica e seu dinamismo ultrapassa barreiras, hoje, podemos perceber o uso da mesma independente das classes sociais. Dino Preti (2008, p. 02) diz que “a língua é apenas uma entre outras formas de comportamento, um entre

² O preconceito social, também conhecido por preconceito de classe é relacionado às pessoas de classe econômica baixa e que não têm acesso aos mesmos espaços daquelas que são das “classes mais altas”, vivendo em um constante isolamento social. O mesmo resulta em uma discriminação excludente, seja com relação a sua situação econômica, nível de escolaridade e/ou acesso a renda e bens de serviço.

outros modos de realização das atividades culturais praticadas pelo grupo. Como essas formas de comportamento, a língua também varia no interior de uma sociedade”.

Como a língua é o reflexo das transformações sociais, e o léxico faz parte desse dinamismo, a presença da gíria no dia a dia trouxe novas concepções de língua e atualmente muitos gramáticos e até mesmo o livro didático, começaram a incorporar a gíria e a tratá-la não mais de forma preconceituosa, mas, como uma forma diferenciada de expressão. Neste contexto, percebemos que há uma integração maior entre os interlocutores que utilizam gíria, e a mesma está cada vez mais habitual no processo de comunicação.

Porém, Preti (2008, p.02), com seus estudos voltados para esse tema, alerta que

[...] com a grande divulgação da informação, com a presença social atuante da mídia, a gíria se vulgariza muito rapidamente, assim como rapidamente se extingue e é substituída por novas formas. Essa efemeridade é uma das características mais presentes no vocabulário gírio e, de certa maneira, identifica-o com a grande mobilidade de costumes da época contemporânea. E, talvez por essa constante dinâmica é que a gíria tornou-se tão utilizada em nossos tempos.

Cada época apresenta sua gíria, ela não existe isoladamente e depende de diversos fatores, tais como: social; histórico; regional; econômico; etc., porém, “a história desses vocábulos demonstra que sua etapa como gíria é transitória. De uma fase criptológica, secreta, vulgariza-se pelo uso abusivo, retorna à linguagem comum ou torna-se um arcaísmo gírio” (*idem*, 2008, p. 04).

A gíria se caracteriza pelo dinamismo, mudança, renovação e os estudos sociolinguísticos e a flexibilização dos costumes, permitiram que o vocabulário gírio fosse colocado didaticamente como meio de comunicação. Esses vocábulos estão cada vez mais sendo usados, “é essa generalização de uso, que desconhece barreiras etárias, sociais, econômicas e culturais, que garante a gíria um lugar de destaque entre as outras variedades da língua” (PATRIOTA, 2009, p. 08).

Seu frequente uso possibilitou a inclusão de algumas das expressões coloquiais no dicionário Aurélio. No início do ano 2000 foi lançada uma versão atualizada com a inserção de algumas gírias. Entretanto, na perspectiva gramatical ainda há divergências entre os gramáticos quanto ao tratamento que é dado ao termo, muitos ainda não o consideram nas gramáticas normativas. Porém, podemos notar que a presença acentuada da gíria nos mais diversos gêneros

[...] já mostra um pequeno vislumbre de uma língua que não está presa somente a regras e usos tradicionais e consagrados, mas aberta, sem preconceitos, a usos diversos que, distante de serem sinônimos de deformação da língua, emprestam à mesma expressividade, riqueza de sentidos, representando usos efetivos e reais da linguagem (PRETI, 2004 *apud* PATRIOTA, 2004, p. 03).

“A Sociolinguística associa o fenômeno gírio à sociedade, ou seja, as variações da estrutura social interferem notoriamente nas variações da estrutura linguística” (SIMÕES, 2009, p.11). Nesta perspectiva, as gírias têm grande importância, e essa importância é acentuada ao considerar que toda sociedade depende da língua para propalar suas informações. Esse vocábulo vem ganhando “terreno” e já é reconhecido como uma forma de expressar-se.

Nesse sentido, Preti afirma que

[...] a gíria se constitui hoje num dos fenômenos linguísticos que mais se aproximam das transformações da sociedade contemporânea pela grande ampliação de seu uso nos mais diversos contextos, orais e escritos. Hoje ela é reconhecida pelos estudiosos como um recurso expressivo da linguagem que se destina não apenas a estabelecer a adequação da língua às situações de comunicação, mas também como uma forma de expressar intenções, desejos, persuasões, aproximação, denúncias nas relações de interação (PRETI, 2004 *apud* PATRIOTA, 2004, p. 02).

A presença do vocábulo “gírio” em diferentes espaços de comunicação mostra que a língua não está ligada somente às regras e usos tradicionais, mas também aos usos diversos, a intenção não é de admitir padrões fixos, mas de indicar caminhos para a ressignificação. Assim, podemos considerar a gíria como uma variante linguística da língua em um processo gradual de mudança.

2.1 COMO A CIÊNCIA DA LINGUAGEM LIDA COM A OPOSIÇÃO SENTIDO LITERAL X SENTIDO FIGURADO?

Falar em sentido literal da palavra corresponde referir-se ao seu sentido denotativo, aquele sentido básico e usual de uma palavra ou expressão, estático, invariável, sentido este que é dado pela perspectiva da gramática normativa, que trabalha com classificações e valores pré-

estabelecidos, ou seja, é o sentido primeiro que se costuma dar à palavra sem ponderar outro valor semântico, sem qualquer contextualização e sem considerar a polissemia.

O sentido figurado ou conotativo é cada um dos sentidos que se acrescentam ao literal, por guardarem certa relação com ele, este é adquirido entre as formações discursivas, na qual a palavra sofre constantes reconfigurações em seu contexto usual no momento da enunciação, produzindo assim, efeitos de sentidos distintos.

Ao considerar o sentido literal/denotativo como aquele que mais se aproxima do sentido próprio, e o conotativo como os múltiplos sentidos de uma palavra, podemos dizer que a significação incide tanto a denotação como a conotação, e isso efetua nas palavras um caráter polissêmico.

A conotação não é uma particularidade do indivíduo e sim advém da plurissignificação da palavra levando em consideração a denotação. Observe os enunciados abaixo:

-A comida está com gosto de ranço

-Sinto ranço desse rapaz

Como falantes nativos da língua podemos compreender o sentido da palavra ranço em cada enunciado. A palavra ranço no sentido denotativo é um alimento que apresenta alguma alteração de sabor. O ranço se caracteriza pela presença de um odor forte e sabor amargo ou acre. Quando dizemos que uma pessoa tem ranço de alguém ou de algo, nos referimos a um sentimento de repulsa, aversão, uma espécie de nojo. Neste contexto podemos deduzir que os sentidos conotativos da palavra ranço advém do denotativo, e isso nos leva a inferir que toda palavra possui característica polissêmica, pois as palavras possuem plurissignificações,

Torna-se relevante verificar as diferentes visões sobre sentido literal e sentido figurado, observa-se que a questão de haver oposição entre os sentidos literal x não literal, vem sendo estudado desde a retórica, gerando posições divergentes ao longo dos anos.

Retomando ao senso comum observamos que o significado literal seria o significado sem o contexto, nesta perspectiva Searle (1979, p. 120, *apud* Vereza, 2007, p. 33), que desenvolveu seus estudos da linguagem a partir de noções advindas da pragmática, diz que “a visão tradicional erra ao apresentar a noção de sentido literal de uma frase como uma noção independente do contexto”.

De acordo com Santos Jr. (2015, p.1108),

Searle (1978) combate a noção de que exista o sentido literal tal como pretende o senso-comum e, vai além, ao se posicionar de forma contrária à ideia de sentido literal como algo completamente desvinculado do contexto, invariável, composicional e convencionado, por exemplo, definindo sentido

literal como: o sentido constante de sentenças que determinam condições de verdade relativas apenas ao contexto em que são proferidas e sempre levam em consideração premissas básicas compartilhadas entre os interlocutores.

Nesse ínterim, podemos inferir que o linguista não descarta aspectos da visão tradicional, como exemplo, a distinção entre sentido da frase e sentido do enunciado.

Por outro lado, Dascal (1987 *apud* SANTOS JR., 2015, p. 1109).), que tem seus estudos teóricos desenvolvidos na linguística,

privilegia o papel do sentido literal, cujo acesso primeiro se faz necessário para que o acesso ao contexto apropriado seja possível”. [...] “Dascal (1987) entende o sentido literal como algo inerente ao conhecimento dicionarizado, ao léxico da língua, independente do contexto, mas responsável por selecionar o significado apropriado e a adequabilidade do contexto.

Sobre sentido literal, Pêcheux (1988, p. 160-161) afirma que palavras, expressões, proposições recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...]. Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Para ele literal é o significante.

Regressando nossos estudos a retórica clássica, mais precisamente na perspectiva aristotélica, percebemos que Aristóteles expõe uma concepção de língua referida no mundo extralinguístico, “a visão de sentido que se depreende dessa perspectiva filosófica supõe a existência de uma significação primeira, diretamente relacionada ao objeto no mundo real, que pode ser modificada, resultando, assim, numa significação figurada” (STUMPF, GOMES, 2016, p. 496).

Significação figurada na Retórica ou figuras da retórica, a qual conhecemos hoje como figuras de linguagem, eram denominadas tropos, “os tropos constituem uma classe de figuras em que há uma mudança de sentido, ou seja, uma passagem de um sentido próprio a um sentido figurado” (*idem*, 2016, p. 500). Sobre sentido próprio e figurado Dumarsais diz que,

o sentido próprio é a primeira significação da palavra e, portanto, ganha existência quando a palavra significa aquilo para o qual foi primitivamente estabelecida. O sentido figurado, por sua vez, decorre da utilização de uma determinada palavra com um outro sentido que não o primeiro (1988, p.73, *apud* STUMPF, GOMES, 2016, p.500).

Podemos dizer que os novos sentidos, a significação figurada / conotativa, surge na dinamicidade da língua, no ato de enunciar.

Segundo Franckel (2011, p.42), a perspectiva clássica coloca a existência de um referente, de um pensamento e, finalmente, de um sentido que existem independentemente da linguagem, que deles constitui um reflexo direto e imediato”. Neste seguimento, o autor acrescenta que “a reflexão da época clássica marca uma reviravolta e que a linguagem não diz mais as coisas, apenas representa os ideais dos homens. A linguagem humana nada mais é do que o pensamento representado” (idem, 2011, p.32).

De acordo com STUMPF e GOMES (2016, p.495), “no século XX, as noções sobre arbitrário, relação e valor linguístico, trazidas para a linguística moderna por Ferdinand de Saussure, acabam com a clássica diferenciação aristotélica entre sentido próprio e figurado na linguagem”. Sabemos que a concepção de língua para Saussure não implica o mundo exterior, o mesmo refuta os elementos extralinguísticos na constituição do sentido, sua teoria acentua a questão do sentido sobre uma ótica diferente da concepção clássica.

Dentro desta perspectiva Vereza (2007, p.28) acrescenta que

o sentido, dentro de uma tradição saussuriana, adquire um papel social e não apenas cognitivo. Isto é, em vez de um fenômeno ou entidade cognitiva (um conceito), o sentido literal é visto como um significado convencionalmente atribuído a um determinado termo e aceito por uma determinada comunidade linguística: o lado “significado” da famosa folha de papel (que, mesmo rasgada sempre manterá seus dois lados), cujo outro lado seria o “significante”.

Na concepção da teoria de Saussure o sentido não pode ser concebido fora da realidade sincrônica, pois o sentido é efeito do signo sobre o sujeito falante, para ele não há diferença entre sentido literal e sentido figurado.

Podemos depreender desse contexto que a visão de literal, que se opõe a determinado sentido não literal, está atrelado a algo que seria auto suficiente sem depender de contextualização, seria algo estável, fixo, o pressuposto da literalidade seria a estabilidade do significado.

Já a visão de não literal, ou seja, sentido figurado, os significados estão sempre em movimento, não são estáticos, são construídos nas relações discursivas. As palavras assumem novos/múltiplos sentidos para que os enunciadores consigam se expressar e produzir o efeito desejado.

SEÇÃO 3

3. A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

A Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (TOPE) do francês Antoine Culioli, é considerada “uma teoria *formalizante*, posto que modela novas ferramentas teóricas, e uma *teoria dos observáveis*” (DE VOGÜÉ, FRANCKEL E PAILLARD, 2011, p. 09).

A essa afirmação, Rezende oferece a seguinte reflexão:

Culioli propõe uma teoria dos observáveis, antes mesmo de uma teorização do que foi observado. Quer dizer, desde o início, coloca claramente o que é a linguagem. Não se tenta achá-la em fim de caminho. Tem-se de início um conceito de linguagem: uma síntese que se define exatamente como possibilidade de explicações de processos analíticos, ou um todo que contém em si a explicação da parte, e vice-versa: um processo de análise que se define como possibilidade de construir sínteses, ou uma definição da parte que contém em si o todo (2000, p.55).

A TOPE é considerada uma teoria dos observáveis, e as observações que alimentam a formalização são os enunciados. Para o linguista o significado em si é quase uma abstração, é sempre momentâneo, pois depende do enunciado numa situação enunciativa. O importante é a construção do sentido, as operações que levaram a “x” ser “x” e não “y”.

A teoria propõe, basicamente, duas articulações fundamentais: do lado epistemológico, linguagem e línguas naturais e do lado metodológico, léxico e gramática. A especificidade da teoria é demonstrar como a linguagem é apreendida por meio da diversidade das línguas e dos textos.

Considerando a maioria das abordagens linguísticas podemos verificar uma clivagem, de um lado as formas verbais e de outros o sujeito que emprega essas formas verbais. Na teoria culioliana não se trata de sujeitos que se utilizam das formas, mas formas que vão construir modos de presença do sujeito, a presença do sujeito não é exterior às formas, mas o produto dessas formas. “Toda sua organização de formas é da ordem do enunciativo. O sujeito enunciator não constitui uma instância pré-constituída exterior a essas operações, pelo contrário, é um produto dessas operações” (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 88).

A TOPE é considerada uma teoria proveniente de uma abordagem construtivista. “A perspectiva construtivista diz que são as formas e os textos que constroem ou que “efetua” as significações. O sentido não é um pôr em forma do mundo e de suas representações, mas constitui um tipo de representação específico” (FRANCKEL, 2011, p. 42). Assim, podemos dizer que a teoria se constitui numa sistematização dessa abordagem construtivista, pois, “em se tratando da análise do papel das unidades morfolexicais na construção do sentido dos enunciados, é conveniente comentar o termo *construção*, que se situa, portanto, no campo da semântica” (*idem*, p.15).

A TOPE define a semântica como a “análise das representações mentais desencadeadas e aprendidas por meio do material verbal que lhes dá corpo” (*idem*, p.16). Dentro desta perspectiva, Franckel acrescenta que

o sentido é considerado como determinado e construído pelo material verbal que lhe dá corpo, ou seja, pelas unidades da língua organizadas segundo regras sintáticas e entonativas. Isso significa que os textos e os arranjos de unidades morfolexicais não são considerados como a tradução de um sentido que lhes preexistiria ou que existiria independentemente desse material. A linguagem é constitutiva de uma forma de pensamento específica que não tem as mesmas propriedades que as que correspondem a outros sistemas de representações comunicáveis (desenho, imagem) ou não (imagens mentais) (*idem*, p.16).

Para Franckel “a problemática de Culioli inscreve-se em uma corrente que rompe com a concepção de uma transparência original da língua em relação às ideias que permite exprimir” (2011, p. 43). O objetivo em si é o de perceber a língua como um intermédio que dá via de acesso à linguagem, que aqui é considerada apenas por meio do que as formas permitem dizer. É a ancoragem nas formas que esclarece o próprio termo de enunciação ao qual esta teoria se identifica.

“Trata-se de uma teoria da enunciação na medida em que toma como objeto o próprio enunciado” (*idem*, 2011, p. 44). Nesse contexto, as formas se tornam um meio ou instrumento pelo qual o sujeito se manifesta, o que percebemos é a apreensão da linguagem como instrumento.

Neste viés, compreende-se que Culioli investiga “a natureza da variação, propõe estudar a atividade reguladora existente intrafalante (psicológico) e interfalantes (sociológico). Chama essa atividade de regulação, de epilinguística, e a define como capacidade metalinguística inconsciente” (REZENDE, 2000, p. 97).

O foco principal da teoria é compreender as invariantes da linguagem, investigar as eventuais regularidades que são as operações constitutivas da linguagem, e assim averiguar

quais os processos que determinam essa produção e reconhecimento na busca pelas regularidades. “Apesar de a invariância ser uma ferramenta para se pensar a diversidade das línguas naturais, ela não é um dado universal, mesmo que ela seja encontrada de língua a língua” (CUMPRI, 2017, p. 180).

Segundo Franckel e Paillard (2011, p.94) “a reflexão sobre a noção de invariância se desenvolveu a partir de duas questões centrais: 1) a diversidade das línguas; 2) a identidade das unidades linguísticas através da diversidade de seus empregos.” Sobre a invariância, De Vogüé nos fornece a seguinte reflexão:

O conceito de invariância é apenas uma das marcas da abordagem culioliana. As questões que cobre, o método de abordagem que envolve, tornam-no antes de tudo uma ferramenta radical e ambiciosa para repensar o que pode fazer a unidade da linguagem para além da diversidade das línguas naturais, e para repensar as próprias modalidades de atividade da linguagem. além da expressão de conteúdo diferenciado e estabilizado (2005, p. 302)³.

Devemos “[...] buscar invariâncias a partir da consideração da singularidade e da diversidade. O estabelecimento de invariantes depende de procedimentos de descoberta problematizados, que emergem gradualmente dos dados” (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 95).

Em suma, “o objetivo é encontrar as invariantes que fundamentam e regulam a atividade de linguagem em toda a sua riqueza e complexidade” (CULIOLI, 1990, p. 179, tradução nossa)⁴. É esse estatuto central atribuído à singularidade e, portanto, à variação, que diferencia a abordagem de Culioli (construtivista) da abordagem tipológica que procura os universais.

3.1 As Línguas naturais para Culioli

Para início de discussão sobre línguas naturais, vejamos o que afirma Rezende,

³ Le concept d’invariant n’est seulement l’une des marques de fabrique auxquelles se reconnaît la démarche culiolienne. Les enjeux qu’il recouvre, la méthode d’approche qu’il engage, en font d’abord un outil radical et ambitieux pour repenser ce qui peut faire l’unité du langage par delà la diversité des langues naturelles, mais aussi pour repenser les modalités mêmes de l’activité langagière par delà l’expression de contenus distingués et stabilisés (DE VOGÜÉ, 2006, p.302).

⁴ In short, the goal is to find the invariants which found and regulate language activity, in all its richness and complexity (CULIOLI, 1990, p. 179).

uma língua natural é, ao mesmo tempo, produto e material para o processo novamente de construções de símbolos, [...] uma língua natural é uma conquista contínua que passamos aos nossos descendentes na bagagem cultural. As duas ordens (formal e empírico, linguagem e línguas) estão de tal modo imbricadas, que, privado de uma herança ou de outra, o ser humano não se desenvolve (2000, p.91).

As vicissitudes das línguas naturais para Culioli são de suma importância. É através da análise de sua estrutura e funcionamento que o linguista procura observar as deformabilidades encontradas na atividade de linguagem, tudo o que geralmente são descartados ou desconsiderados, sejam em textos, orais ou escritos, interessam à Teoria das Operações Predicativas Enunciativas.

As línguas naturais se organizam a partir de categorias gramaticais diversas e variadas. É por meio das línguas, sob a forma de textos orais ou escritos, produzidos e reconhecidos pelos sujeitos, que podemos analisar as marcas linguísticas de operações da linguagem. “Os arranjos léxico-gramaticais que configuram as línguas naturais, enquanto produtos que são da atividade construtora que é a linguagem, também funcionam como porta de acesso para que se possa reconstruir o seu percurso gerador, possibilitando ao sujeito a interpretação dos enunciados” (PRIA, 2009, p.23)

O funcionamento das línguas naturais coloca em jogo o sujeito no mundo e os estudos enunciativos pressupõem que não há língua em funcionamento sem sujeito e não há sujeito sem linguagem. Cada língua é uma realização da atividade de linguagem, cada sistema de cada língua é autossuficiente e tem sua diversidade. Culioli “não toma por objeto de análise uma língua enquanto sistema estruturado (por oposições ou regras, pouco importa), ainda menos a apropriação dessa língua em um discurso, mas enunciados em uma língua, e o valor interpretativo que esses enunciados constroem” (DE VOGŪÉ, 2011, p. 76).

Devemos olhar parte dessa diversidade de línguas e a partir daí formular categorias languageiras, ou seja, reconstruir categorias a partir de um dado específico de cada língua, a partir das singularidades. Não tem nada que indique que as línguas vêm de uma gramática comum, mas, tem algo que as aproxima e as categorias languageiras poderiam ser algo dessa aproximação.

3.1.1 O que é linguística para Culioli?

Na perspectiva de Culioli, a Linguística é a ciência que constrói um sistema de conceitos abstratos a fim de explicar propriedades oriundas da atividade da linguagem por meio da variação das línguas naturais.

Definirei a Linguística como a ciência cujo objetivo é apreender a linguagem através da diversidade das línguas naturais. Essa definição é em si um programa de trabalho, uma vez que coloca um objetivo e que influencia a teorização e a metodologia. Porém, isso não exclui outros objetivos, que podem variar de acordo com os objetivos de um dado programa, seus campos de aplicação e suas restrições técnicas (CULIOLI, 1990, p.179, tradução nossa)⁵.

A linguagem só vai ser apreendida por meio das diversidades das línguas. Cada língua é uma realização da atividade de linguagem. É uma atividade significativa que se configura como uma atividade de produção e reconhecimento de formas. Cada sistema de cada língua tem sua diversidade e se deve olhar parte dessa diversidade de organização de formas para se tentar reconstruir algo que seja generalizável. Assim, temos a linguagem como uma atividade universal, mesmo que nada nas línguas naturais seja universal.

Culioli afirma que

[...] o objeto da Linguística é a atividade da linguagem, [...] por outro lado, digo que só podemos apreender essa atividade, para estudar o seu funcionamento, por meio de configurações específicas, dos arranjos em uma determinada língua. A atividade da linguagem se refere a uma atividade de produção e reconhecimento de formas, mas essas formas não podem ser estudadas independentemente dos textos, e os textos não podem ser estudados independentemente das linguagens (1990, p. 14, tradução nossa)⁶.

Deste modo, a linguagem é entendida como uma atividade, ela é constitutiva de uma forma de pensamento específica que não tem as mesmas propriedades que as que correspondem a outros sistemas de representações comunicáveis, é um sistema de representação entre outros, e cada sistema de representação tem a sua especificidade. Os trabalhos nessa perspectiva partem

⁵ I shall define linguistics as the science whose goal is to apprehend language through the diversity of natural languages. This definition is in itself a research programme, since it sets a goal and therefore influences theorization and methodology. However, it does not exclude other goals, which may vary according to the objectives of a given programme, its fields of application and technical constraints (CULIOLI, 1990, p.179).

⁶ [...] l'objet de la linguistique est l'activité de langage, [...] d'autre côté, je dis que cette activité nous ne pouvons l'appréhender, afin d'em étudier le fonctionnement, qu'à travers des configurations spécifiques, des agencements dans une langue donnée. L'activité de langage renvoie à une activité de production et de reconnaissance de formes, or, ces formes ne peuvent pas être étudiées indépendamment des textes, et les textes ne peuvent être étudiés indépendamment des langues (CULIOLI, 1990, p. 14).

do funcionamento das unidades uma a uma e na sua singularidade irredutível, na diversidade de seus empregos, de unidades particulares de línguas particulares.

Por conseguinte, De Vogüé, Franckel e Paillard afirmam:

Como bem observa Culioli, não há “linguística sem observações profundamente detalhadas; observáveis sem problemáticas; problemáticas que não conduzam a problemas; problemas sem a procura de solução; soluções sem raciocínio; raciocínio sem sistema de representação metalinguística; sistema de representação metalinguística sem operações, em particular, sem categorização; categorização sem transcategorial” (2011, p. 09-10).

O objetivo de Culioli é construir representações metalinguísticas que representam de alguma forma a atividade languageira. Sobre esse contexto, Desclés acrescenta que:

ao aceitar o programa de Culioli convém (i) caracterizar diferentes níveis de representação, (ii) integrar esses níveis numa mesma arquitetura ao mesmo tempo computacional e cognitiva, (iii) precisar, após as observações linguísticas, os mecanismos de mudança de representação quando se passa de um nível a outro, (iv) determinar diferentes subsistemas metalinguísticos fazendo aparecer suas propriedades estruturais (2005, p.43, tradução nossa)⁷.

Assim, conforme explicita Silva (2019, p.100), o linguista inovou “ao dar a Linguística uma vertente própria e diferenciada, ao levar suas análises para além da estrutura superficial das marcas lexicais, ao propor uma linguística de investigação do enunciado”. O ponto de vista linguístico que Culioli toma ao tratar a relação entre atividade de linguagem e as línguas, cria-se, assim, essa nova maneira de se fazer Linguística.

3.1.2 O conceito de linguagem: atividade de representação, referenciação e regulação

A linguagem, na concepção de Culioli é “uma atividade de representação de significação, somente acessível através de sequências textuais, quer dizer, através de arranjos de marcadores que são traços de operações subjacentes (cf. supra)” (CULIOLI, 1990, p. 179,

⁷ En acceptant le programme d'Antoine Culioli, il convient de (i) caractériser différents niveaux de représentation, (ii) d'intégrer ces niveaux dans une même architecture à la fois computationnelle et cognitive, (iii) de préciser, depuis les observables linguistiques, tous les mécanismes de changement de représentation lorsqu'on passe d'un niveau à un autre, (iv) de déterminer, éventuellement, différents sous-systèmes métalinguistiques, en faisant apparaître leurs propriétés structurelles (DESCLÉS, 2005, p.43).

tradução nossa)⁸. Neste contexto Cumpri afirma que, “se a linguagem é o que permite a expressão de um pensamento sustentado pelas vivências dos sujeitos enunciadore, é o texto (a língua) que oferece a visão referencial, contextual e situacional e que coloca em cena todos os valores extralinguísticos” (2010, p. 60).

A presente teoria visa a linguagem como atividade humana, simbólica e enunciativa. É necessário entender que a atividade de linguagem não consiste em transmitir sentido, mas em produzir e reconhecer formas enquanto traços de operações (de representação, referenciação e regulação)" (1990, p. 26, tradução nossa)⁹.

Para De Vogüé, Franckel e Paillard, (2011, p. 11) existem dois modos de apreender a noção de linguagem;

- i) como objeto que corresponde ao material verbal, constituído de formas verbais – texto, discurso, palavras - unidades morfolexicais organizadas,
- ii) como atividade que corresponde a uma prática fundamental do homem, decorrente do processo de construção e reconstrução.

Essa abordagem visa a linguagem como atividade e ela não vai se prestar a explicar o todo. É a partir dos enunciados que se apreende a atividade de linguagem, pelo que se traça nos enunciados. A gente só vai apreender e gerar sentido por meio do que os enunciados permitem dizer. Veja-se o que diz De Vogüé:

É precisamente porque a enunciação é concebida como um processo de constituição de sentido (e não como o ato de um locutor) que a linguagem deve ser concebida como uma atividade. O sentido é construído, enunciado por enunciado”. [...] “Os sistemas variam de língua para língua, os discursos, de locutor para locutor: é somente na atividade que a linguagem reside, aquém dos sistemas e dos discursos (2011, p.75).

O trabalho de Culioli visa explicar, a partir de um sistema metalinguístico, como os valores na enunciação se manifestam. A atividade de representação, referenciação e regulação da linguagem que originam as formas das línguas, são processos fundamentais pelos quais a significação passa para se estabilizar.

⁸ Language, which is meaningful representational activity, is only accessible through text sequences, that is, through patterns of markers which are themselves traces of underlying operations (cf. supra) (CULIOLI, 1990, p. 179).

⁹ Il faut alors concevoir (et c’est le deuxième terme de l’alternative) que l’activité de langage ne consiste pas à véhiculer du sens, mais à produire et à reconnaître des formes en tant que traces d’opérations (de représentation, référenciation et regulation) (CULIOLI, 1990, p. 26).

A teoria culioliana tem como base uma disposição tríade representacional, situando a atividade de linguagem em três níveis que não são sequenciais, pois não seguem uma ordem primeiro, segundo e terceiro.

A tripla relação entre representação mental, processos referenciais e regulação, é um requisito a qualquer atividade conceitual e simbólica mediada por sequências, textos (e/ou gestos) que os sujeitos produzem e reconhecem como configurações de significação interpretáveis (CULIOLI, 1990, p.179, tradução nossa)¹⁰.

Na Representação, a atividade de linguagem é constitutiva de uma forma de pensamento, ela constrói representações mentais de uma determinada natureza. É quando você traz uma experiência que é sua. “A representação é um complexo de múltiplos níveis de operações de ordem n , com base em uma operação elementar primitiva chamada operação de localização (francês, *opération de repérage*)” (idem, tradução nossa)¹¹.

Nesse contexto, explicitaremos as características de cada nível: o nocional, o textual e o observacional.

Nível I (nocional) – Segundo Culioli, este nível, considerado [cognitivo], “é o das representações que organizam as experiências que desenvolvemos desde a infância, e que construímos a partir de nossas relações com o mundo, com os objetos, com os outros, com a nossa pertença a uma cultura, de interdiscurso na qual estamos imersos” (1990, p. 21, tradução nossa)¹².

Este é o nível das Representações Mentais, da linguagem que se constrói a partir do universo simbólico extralinguístico e linguístico, cujo acesso só se dá por meio das formas verbais agenciadas (os enunciados), as quais, dão corpo ao nível I. As formas verbais podem ser consideradas como traços das operações do nível I, seu caráter inacessível significa que resulta em uma multiplicidade de formas possíveis que não são da ordem de uma coincidência.

O nível I só é apreendido em relação ao nível II, logo, não é um nível inicial absoluto, por isso, não se fala da passagem de um nível para outro numa ordem cronológica. O mesmo

¹⁰ “A threefold relationship between mental representation, referential processes and regulation is a requirement for any symbolic conceptual activity mediated by text (and/or gesture) sequences that subjects produce and recognize as interpretable meaningful shapes” (CULIOLI, 1990, p.179).

¹¹ Representation is a many-levelled complex of n -th order operations, based on a primitive elementary operation called an operation of localition (French, *opération de repérage*)” (CULIOLI, 1990, p. 179).

¹² Il s’agit donc, à ce niveau, de représentations qui organisent des expériences que nous avons élaborées depuis notre plus jeune enfance, que nous construisons a partir de nos relations au monde, aux objets, à autrui, de notre appartenance à une culture, de l’interdiscours dans lequel nous baignons” (CULIOLI, 1990, p. 21).

não é restrito à linguagem, são representações mentais de natureza variada, também, não é formulável em si mesmo.

Por ser um nível de representações mentais de ordem cognitiva e afetiva e que se organiza a partir da nossa experiência com o mundo, esse nível também é dos gestos mentais, considerado o lugar do indizível, do antropológico, das relações físico-culturais ele é o que se dá aquém da linguagem. Assim sendo, Culioli acentua que,

esse nível é o de representações mentais, relacionadas à nossa atividade cognitiva e afetiva, quer se trate de nossa atividade sensorio-motora no mundo físico ou de nossas elaborações culturais. Na verdade, não existem noções, enquanto feixe de propriedades, que não sejam de ordem físico-cultural. Em outras palavras, não existe separação radical entre as propriedades físicas, fora da cultura, e as propriedades oriundas de uma cultura (1999a, p. 161, tradução nossa)¹³.

Nível II (textual) – Refere-se às representações que Culioli denominou de linguísticas, “e que são traços da atividade de representação do nível I. Tem-se, portanto, representações de segundo grau e agenciamentos de representantes, mas não há relação termo a termo entre as representações do nível I e as representações do nível II” (1990, p.22, tradução nossa)¹⁴.

O nível II é o que desvela o nível I ao lhe dar corpo/forma, mas ao mesmo tempo que desvela ele o encobre. Esse nível é separado do nível I pela multiplicidade de formas que permitem apreender o nível I de forma fragmentada.

O nível II mantém a articulação com o nível I numa relação epilinguística, nessa articulação as formas são traços dessas representações e ao mesmo tempo se tornam marcadores quando mantêm relação com o nível III. São representações construídas e são representações de representações mentais que não permitem coincidência com aquele que está sendo representado. Essas mesmas formas é que se tornam objetos de análises para o linguista.

De acordo com Romero, “percebe-se, assim, que forma é um termo que faz referência não apenas às formas empíricas, aos enunciados, ao texto (nível II), mas às operações das quais

¹³ Ce niveau est celui de nos représentations mentales, liées à notre activité cognitive et affective, qu'il s'agisse de notre activité sensori-motrice dans le monde physique ou de nos élaborations culturelles. En fait, il n'existe pas de notions, en tant que faisceaux de propriétés, qui ne soient d'ordre physico-culturel. Dit autrement, il n'existe pas de séparation radicale entre les propriétés physiques, hors culture, et les propriétés issues d'une culture (CULIOLI, 1999a, p. 161).

¹⁴ Au niveau 2, nous avons des représentations que j'appellerai linguistiques, et qui sont la trace de l'activité représentation du niveau 1. On a donc des représentations au second degré et des agencements de représentatives, mais il n'y a pas de relation terme à terme entre les représentations de niveau 1 et les représentations de niveau 2 (CULIOLI, 1990, p. 22).

se originam os agenciamentos de marcadores, denominadas, estas, forma abstrata” (2019, p. 179).

Nível III (observacional) – Análise das representações metalinguísticas. Do epilinguístico ao metalinguístico. As relações entre nível II e nível III dizem respeito à análise metalinguística, à reconstrução da formalização e até mesmo à simulação formal ou formalizável de como o nível II diz o nível I.

Sobre esse nível Culioli diz que

a esperança é que o nível III esteja em uma relação de adequação (de correspondência) ao nível II, de forma que através dessa relação explícita entre II e III, possamos simular a correspondência entre I e II. Mas não há realização da univocidade: se a relação era unívoca, só teria que haver uma subida de nível a nível (1990, p. 23, tradução nossa)¹⁵.

A referenciação se relaciona com as operações de representação e está ligada à adequação entre os sujeitos, o que permite ao interlocutor – coenunciador – reconstruir, a partir dos enunciados, um sistema de referência.

Sobre esse sistema, Culioli enfatiza que

é necessário construir um sistema de referência estável e ajustável que permita ao outro reconstruir, a partir de enunciados, o sistema de referência e a operação complexa de referenciação, graças à qual o texto será interpretado e munido de valores referenciais. [...] o sistema de referência não é fornecido todo constituído, mas é construído por um sujeito que é integrante do sistema. Assim, não temos o caso de um observador exterior, munido de um referencial objetivável, mas tudo se passa como se o sujeito se constituísse como origem do sistema de referência (CULIOLI 1999a, p. 167, tradução nossa.)¹⁶.

Não podemos deixar aqui de considerar, o parâmetro espaço-temporal, pois é onde o enunciador e o coenunciador se reportam a objetos linguísticos localizáveis num jogo intersubjetivo, pois conforme Culioli “o pré-requisito para a referência é a construção de um

¹⁵ l'espoir, c'est que le niveau 3 sera dans une relation d'adéquation (de correspondance) au niveau 2, telle que, par le biais de cette relation explicite entre 2 et 3, nous puissions simuler la correspondance entre 1 et 2. Mais il n'y a pas de relation d'univocité: si la relation était univoque, il n'y aurait qu'à remonter de niveau en niveau (CULIOLI, 1990, p. 23).

¹⁶ Il faut donc construire un système de référence stable et modulable qui permette à autrui de reconstruire, à partir d'énoncés, et le système de référence et l'opération de complexe référenciation, grâce à quoi le texte sera interprété et muni de valeurs référentielles. [...] le système de référence n'est pas fourni tout constitué, mais est construit par un sujet qui fait partie intégrante du système. Ainsi, on n'a pas affaire à un observateur extérieur, muni d'un référentiel objectivable, mais tout se passe comme si le sujet se constituait comme origine du système de référence (CULIOLI, 1999a, p. 167).

complexo sistema de coordenadas intersubjetivas, de um espaço referencial e de objetos linguísticos localizáveis” (1990, p. 180, tradução nossa)¹⁷.

A regulação surge quando o enunciador vai regular suas representações por meio da representação que acredita ser a do coenunciador, nessa passagem de um para o outro, temos o que chamamos de regulação. Para Culioli

a regulação desempenha um papel central na atividade de linguagem: (1) o sistema é autorregulado pela reflexão inconsciente do sujeito (assim como pela consciência) sobre sua própria atividade de linguagem, e continuamente por um processo sem fim de transformação e deformação; (1990, p. 181, tradução nossa).¹⁸

Não se separa a operação de regulação das operações de representação e referenciação. Ambas são operações que possibilitam ao sujeito produzir e reconhecer formas por meio dos traços dessas operações deixados nas línguas.

A operação de regulação implica ao mesmo tempo uma estabilidade e uma deformabilidade dos objetos colocados em relações dinâmicas. “Os fenômenos linguísticos formam sistemas dinâmicos que são regulares, mas com uma margem de variação devido a fatores de grande diversidade: temos o caso de fenômenos que são ao mesmo tempo estáveis e plásticos” (*idem*, 1990, p.129, tradução nossa)¹⁹.

Assim, temos que o sentido é construído pela linguagem e essa construção passa por uma série de adequações e o sentido circula por uma atividade que chamamos de reformulação.

Isto posto, concluímos com as palavras de Zavaglia (2010, p. 56), que “os processos de regulação, representação e referenciação são, portanto, operações que permitem aos indivíduos produzir e reconhecer formas por meio dos rastros dessas mesmas operações que são os próprios enunciados, ou agenciamento de marcadores”.

3.2 Os 3 níveis de representação: nocional, predicativo e enunciativo

¹⁷ The prerequisite to reference assignment is the construction of a complex intersubjective coordinates system, of a referential space, and of localizable linguistic objects (CULIOLI, 1990, p. 180).

¹⁸ Regulation plays a central role in language activity: (1) the system is self-regulated through the subjects' unconscious (as well as conscious) reflexion on their own language activity, hence a never-ending transforming and deforming process (CULIOLI, 1990, p. 181).

¹⁹ Les phénomènes linguistiques forment des systèmes dynamiques qui sont réguliers, mais avec une marge de variation due à des facteurs d'une grande diversité : on a affaire à des phénomènes qui sont à la fois stables et plastiques (CULIOLI, 1990, p.129).

A noção envolve uma forma de representação não linguística, relacionada ao conhecimento e à atividade com as experiências de cada pessoa. “Chamaremos de noção um sistema complexo de representação estruturante de propriedades físico-culturais de ordem cognitiva (noções, chamadas lexicais, noções gramaticais (aspectualidade, etc.) e, em geral, qualquer relação entre noções)” (CULIOLI, 1999a, p. 100, tradução nossa)²⁰.

A relação entre noções que propicia o sentido, denominamos de relação primitiva. “Essa relação primitiva, todos a estabelecem de modo mais ou menos implícito, e é ela a condição necessária para que haja produção e reconhecimento de formas em uma língua” (CULIOLI, 1976, *apud*, BIASOTTO-HOLMO, 2008, p. 77). Culioli sublinha que,

qualquer termo que constitua uma relação predicativa pertence a um domínio nocional; assim, qualquer relação predicativa pressupõe uma relação entre domínios; e isto é, como último recurso, entre os feixes de propriedades constitutivo das noções. Essa relação (parte de tudo: interior/exterior, ... para citar apenas algumas propriedades) será chamada de relação primitiva (1999a, p.100, tradução nossa)²¹.

A relação predicativa, que tem como origem a construção da representação, consiste na ordenação dos termos selecionados na léxis (relação primitiva). “A léxis e a relação primitiva estão no início do processo de constituição de um enunciado, denominado Situação 0 (“zero”) e representado por SIT0” (PRIA, 2009, p.39).

Nas palavras do próprio Culioli,

a partir da relação primitiva e do esquema, construímos o predicado e os argumentos, distinguindo um primeiro argumento (de ordem 0) e um segundo argumento (de ordem 1). Assim, uma léxis resulta da instanciação de um esquema por termos próprios construídos a partir de noções (1999a, p. 101, tradução nossa)²².

Essa relação predicativa “configura um segundo momento no processo de constituição de um enunciado, denominado Situação 1 e representado por SIT1”. “A operação que localiza

²⁰ Nous appelleron notion un système complexe de représentation structurant des propriétés physico-culturelles d'ordre cognitif (notions, dites lexicales, notions grammaticales (aspectualité, etc) et de façon générale, toute relation entre notions) (CULIOLI, 1999a, p. 100).

²¹ Tout terme constituant d'une relation prédictive appartient à un domaine notionnel; ainsi toute relation prédictive présuppose une relation entre domaines; e' est-à-dire en dernier ressort, entre les faisceaux de propriétés constitutifs des notions. On appellera *relation primitive* une telle relation (partie à tout : intérieur/extérieur,... pour ne citer que quelques propriétés) (CULIOLI, 1999a, p.100).

²² A partir de la relation primitive et du schéma. On construit le prédicat et les arguments, en distinguant un premier argument (d'ordre 0) et un deuxième argument (d'ordre 1). Ainsi, une lexis résulte de l'instanciation d'un schéma par des termes eux-mêmes construits à partir de notions (CULIOLI, 1999a, p.101).

uma léxis (λ) em relação a uma Sit é representada de modo simplificado pela notação $\langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$ ” (PRIA, 2009, p. 43, 45).

Nessa fase o enunciador procura ordenar os termos da léxis determinando a sua origem e assim definindo uma relação predicativa entre os termos. Enfatizamos que “uma léxis não é um enunciado: ela não é nem assertada, nem não-assertada, pois não está (ainda) localizada (identificada) em um espaço enunciativo munido de um referencial (sistema de coordenadas enunciativas)” (CULIOLI, 1999a, p.101, tradução nossa, *grifos do autor*)²³.

A relação enunciativa “é de fundamental importância para assegurar a passagem de um esquema de léxis a um enunciado constituído como produto da atividade de linguagem” (VIGNAUX, 1998, p. 108, *apud*, PRIA, 2009, p. 45). Ela consolida a passagem de um pré-enunciado para um enunciado e marca a predicção em relação à situação de enunciação a partir do ponto de vista daquele que enuncia em relação ao pensamento daquele que supõe ser o seu coenunciador.

Essa relação, segundo Pria, “configura um terceiro momento no processo de constituição de um enunciado, denominado Situação 2, representado por SIT2” (2009, p. 45).

As operações de linguagem só vão adquirir valor ao se articularem entre si e formar o todo. Cada operação inserida na linguagem adquire importância dentro do processo de enunciação. Segundo Cumpri (2012, p.22),

no primeiro nível, as noções - propriedades anteriores ao signo linguístico tal qual é concebida e ainda desprovida de toda operação linguística possível – assumem formas empíricas, que se materializam e se tornam unidades já no segundo nível, para, no terceiro nível, serem reconstruídas por meio de operações e da inserção de valores e marcas (modalização, aspectualidade, temporalidade, etc.).

Neste sentido, se apropriando das palavras de Culioli, (1976, *apud* Biasotto-Holmo, 2008, p.80), concluímos que um enunciado, para que seja constituído é preciso passar por essas três relações linguísticas mencionadas acima: Relações entre representações nocionais (primitivas), relações com um esquema predicativo a que se atribui uma orientação e instancia lugares, que por fim, é inserido em um sistema de referências, um sistema de localização com coordenadas espaço-temporais e intersubjetivas (enunciativa).

²³ Une lexis n'est pas un énoncé: elle n'est ni assertée, ni non-assertée, car elle n'est pas (encore) située (repérée) dans un espace énonciatif muni d'un référentiel (système de coordonnées énonciatives) (CULIOLI, 1999a, p.101).

3.2.1 As Atividades de linguagem: epilinguística, linguística e metalinguística

De acordo com os trabalhos de Culioli, vimos que há três níveis de estudo para a atividade de linguagem: O primeiro nível que é das representações mentais, caracterizando-se pela capacidade inata que o ser humano possui de construir representações mentais da realidade (atividade epilinguística) consistindo em um nível pré-consciente, cujo acesso só se dá por meio das formas verbais agenciadas (os enunciados).

Segundo Culioli,

o linguista trabalha com formas (quer dizer, sequências textuais), e essas formas, ele não vai considerá-las tal como são (nesse caso não teríamos mais que regularidades sequenciais), e sim fazê-las trabalhar sobre si mesmas e submetê-las a essa forma de evidência que é o julgamento de aceitabilidade. Desse modo, o linguista traz à tona, através de sua prática, essa atividade metalinguística inconsciente que está no cerne da atividade de linguagem e que se pode observar desde a infância (CULIOLI, 1990, p. 18, tradução nossa)²⁴.

O segundo nível é o das representações linguísticas, dos enunciados, da produção verbal, ou seja, das formas verbais agenciadas (enunciados, textos orais ou escritos...) (atividade linguística). A atividade linguística se caracteriza no processo de produção e de reconhecimento de texto emitido pelo coenunciador no contexto interacional.

Por último, o terceiro nível, o metalinguístico, se refere às manipulações feitas pelo linguista. A atividade metalinguística mistura-se com a atividade epilinguística, sempre que o sujeito reflete sobre sua experiência de uma ou mais línguas. Este nível está relacionado à atividade de reformulação, buscando outros modos de dizer. É na atividade metalinguística que se criam famílias parafrásticas e se constroem enunciados semelhantes. Isso acontece quando se muda, se compara e se substitui uma marca ou (marcador de operações) para que na mesma proporção floresça o sentido.

Sobre os níveis explicitados Culioli explicita que,

como linguistas, dificilmente podemos ir além de estabelecer relações entre o Nível II e o Nível III, o que significa, desse modo, que podemos fazer

²⁴ Le linguiste travaille sur des formes (c'est-à-dire des séquences textuelles), et ces formes, il ne va pas les pendre telles qu'elles sont (on n'aurait dans ce cas que des régularités séquentielles), mais il va les faire travailler sur elles-mêmes et les soumettra à cette forme d'évidence qu'est le jugement d'acceptabilité. Em cela, le linguiste fait affleurer, par sa pratique, cette activité métalinguistique non-consciente qui est au cœur de l'activité de langage, et que l'on peut constater déjà chez l'enfant (CULIOLI, 1990, p.18).

observações minuciosas e conceber um sistema consistente de representação metalinguística. O Nível I nos escapa, mas é razoável supor que uma ligação bem sucedida entre os traços do Nível II e as meta-operações do Nível III podem ser úteis para elucidar a relação entre os processos do Nível I e os marcadores do Nível II. É por isso que insisto em usar o termo marcadores, que é uma abreviação de marcadores de operações. Segue-se que não podemos nos contentar em trabalhar relações já constituídas e organizadas, mas que devemos representar cada etapa da constituição dessas relações e das categorias gramaticais por meio de operações concatenadas (1990, p. 179, tradução nossa)²⁵.

Sendo assim, salientamos a importância de se trabalhar com os marcadores e saber representá-los em cada nível para que se possa estabelecer as relações entre os mesmos. Pois as relações entre os níveis são fundamentais para florescer o sentido.

3.2.2 A importância de se pensar a articulação língua e linguagem e articulação léxico e gramática

A língua é pensada de forma dinâmica e as formas e os sentidos nas línguas são objetos de constante ajustamentos dentro da teoria. A linguagem, por sua vez, é a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua. “Se língua é um sistema que se apresenta na forma de texto e é dependente de quem a fala, logo, a atividade da linguagem também está imbricada nesse contexto, fato esse que nos leva a ver que língua e linguagem são, de fato, articuladas” (CUMPRI, 2010, p. 60).

Nessa dinâmica entre linguagem e língua e seu objeto, Culioli propõe então que o objeto de estudo da linguística seja a clivagem dessas instâncias, isto é, “a linguagem seja apreendida através da diversidade das línguas naturais e de textos orais e escritos produzidos nessas línguas.

²⁵ As linguists, we can hardly go beyond establishing a relationships between Level II and Level III, which means, by the way, that we have been able to make minute observations and to devise a consistent system of metalinguistic representation. Level I will still escape us, but it is reasonable to surmise that a successfull link between the Level II traces and the Level III meta-operations may provide useful clues about the link between Level I processes and Level II markers. This is why I insist on using the term markers, which is short for markers of operations. It follows that we cannot be content with working on relationships which are already constituted and organized, but that we represent the stages of the very constitution of these relationships and grammatical categories by means of concatenated operations (CULIOLI, 1990, p. 179).

Embora as línguas disponham de um alto grau de heterogeneidade, deve-se encontrar uma homogeneidade que lhe seja própria” (CULIOLI 1995, p.13, tradução nossa)²⁶.

É na articulação da linguagem e das línguas naturais que o sentido brota, ou seja, que se constrói a significação. O objetivo de Culioli é a atividade de linguagem, assim como ela se manifesta na língua, para que, a partir das unidades que a compõem, reconhecer os traços que levam à significação.

Deste modo quando se articulam linguagem e língua naturais,

tudo é específico e constitui um agenciamento particular de mecanismos gerais. [...] Atribuir à diversidade das línguas um estatuto central implica partir da diversidade sem definir a priori o que as línguas têm em comum com base em suas aparências. A análise não requer como ponto de partida categorias metalinguísticas gerais cuja cada língua oferecerá realizações particulares. [...] Partir da diversidade das línguas é reter aquilo que é próprio a tal ou tal língua tomada por ela mesma, aquilo que define sua identidade de maneira interna e lhe atribui singularidade com relação a outras línguas. Do mesmo modo, procura-se estudar as unidades de uma língua em detrimento de toda categorização a priori, como entidades transcategoriais, em toda a riqueza de sua variação polissêmica. A diversidade das línguas é entendida, portanto, não como uma reflexão ligada a “prise en compte” de línguas diversas, mas como um trabalho sobre línguas particulares, em sua singularidade própria (PAILLARD; ROBERT, 1995 *apud* PRIA, 2009, p.25).

Na enunciação, o valor de cada unidade depende do enunciado como um todo. Um sentido dependente da articulação entre léxico e gramática, uma unidade lexical só se dota de sentido se for posta numa relação em que ela passe a exercer uma função integrativa e em que o texto seja dependente da unidade lexical. Cada escolha lexical implica os sentidos das frases, cada sentido frasal implica o sentido de paradigma, ambos estão imbricados, por isso se fala em articulação entre léxico e gramática.

Por se tratar de uma teoria enunciativa, não ocorre a disjunção entre unidades lexicais e elementos gramaticais. As unidades lexicais e as categorias gramaticais, articulam-se e são construídas por meio da atividade da linguagem. As unidades significativas são construídas através dessa articulação que envolve aspectos semânticos e enunciativos, ou seja, a significação precisa das unidades.

O léxico e a gramática são os elementos disponíveis para que o locutor possa realizar um ato comunicativo. “[...] léxico e gramática atuam diretamente na delimitação das unidades

²⁶ language is apprehended through the diversity of natural languages and oral and written texts produced in these languages. Although languages have a high degree of heterogeneity, one must find a homogeneity that is proper to them (CULIOLI, 1995, p.13).

comunicativas e não são dados prontos, mas sim construtos oriundos da atividade da linguagem pertencentes a uma determinada língua” (CUMPRI, 2010 p. 61).

Segundo Rezende, (2000, p. 20) “propor a articulação léxico e gramática é propor ao mesmo tempo a indeterminação da linguagem; propor a indeterminação da linguagem é propor uma plasticidade necessária ao trabalho de construção de representações feito pelos sujeitos”. Ainda de acordo com a autora,

[...] a proposta de articulação do léxico com a gramática e a sua fundamental indeterminação oferecem uma razão ao trabalho dos sujeitos. Ao se relacionar as partes criando um todo integrador, parte e todo se alteram e, nesse momento, a linguagem pode ser vista como uma forma ou esquema de ação, que ao mesmo tempo fornece ao sujeito as possibilidades de se constituir. Temos, assim, o encontro de uma questão genuinamente linguística: a articulação do léxico com a gramática e a natureza indeterminada da linguagem; e uma questão genuinamente educacional: a construção da identidade (*idem*).

Assim, em relação a articulação do léxico e gramática, Culioli nos oferece à seguinte conclusão: “não existe categoria gramatical sem componente lexical, do mesmo modo que não existe léxico que não comporte propriedades formais de ordem gramatical. Em resumo, toda gramática é gramática lexical” (1999a, p.163, tradução nossa)²⁷.

3.3. Sentido, referência e valores referenciais.

Na TOPE, as unidades linguísticas não têm um regulamento semântico estável, ou como endossa Franckel “a palavra, não tem por si só nenhum conteúdo semântico estável *a priori*” (2011, p.51).

O sentido é construído no e pelo enunciado, dentro de uma dinâmica de interação entre o cotexto e contexto. Isso significa que os textos e os arranjos de unidades morfolexicais que os constituem não são considerados como a tradução de um sentido que lhes preexistiria, pois “a identidade de uma unidade se define não por algum sentido de base, mas pelo papel

²⁷ Il n'existe pas de catégorie grammaticale sans composante lexicale, de même qu'il n'existe pas de lexique qui ne comporte pas de propriétés formelles d'ordre grammatical. Bref, toute grammaire est grammaire lexicale (CULIOLI, 1999a, p.163).

específico que ela desempenha nas interações constitutivas dos sentidos dos enunciados nos quais ela é posta em jogo” (*idem.* p. 22-23).

Sendo assim, são os movimentos da unidade significativa, o seu engendramento no processo de significação durante a interação verbal, que vão nos interessar, pois o “sentido provém necessariamente de uma dinâmica, de uma fluidez de uma labilidade” (*idem.* p. 40).

Franckel, ainda afirma que,

nunca observamos nos enunciados o valor próprio ou primeiro de uma unidade, visto só existirem unidades cujo sentido se constrói no e pelo enunciado. O instável é, aqui, primeiro, e a estabilização só se estabelece por meio das interações da palavra com o meio textual que a cerca, essas interações, revelando, segundo hipótese que sustenta a teoria, princípios regulares (2011, p. 51).

Na TOPE a linguagem é analisada somente através do que as formas permitem dizer. Disso, podemos inferir que um enunciado é resultado de um processo de construção de significação e que o sujeito coenunciador reconstrói a significação a partir do que ele identifica das formas agenciadas pelo sujeito enunciador.

Nesse movimento, entende-se que o valor referencial do enunciado “são construídos nos e pelos enunciados por meio de operações enunciativas que podemos chamar, a partir de então de operações de referenciação” (FRANCKEL, 2011, p. 48). Os enunciados não exibem um conteúdo semântico, mas permitem construir valores referenciais. “Estudar a enunciação é, portanto, estudar as modalidades de constituição desse valor” (*idem.* p. 44), a constituição desse valor associa-se, portanto, a uma relação entre ocorrências de noções.

3.4 A enunciação e o enunciado

O enunciado é o resultado das operações realizadas pelos sujeitos, e não têm significação fora da atividade de linguagem. São os (co)enunciadores que constroem os valores referenciais do enunciado. Assim, “a enunciação de um enunciado feito por um sujeito enunciador contém necessariamente o outro enunciador. A coenunciação é constitutiva da própria enunciação” (REZENDE. 2006, p.14).

A enunciação é um processo que se evidencia a partir dos enunciados. É a partir dos enunciados que vamos apreender a enunciação e a atividade de linguagem, a qual é atravessada

por três características fundamentais: representação, referenciação e regulação, conforme já explicitamos.

Para Romero “a enunciação corresponde a mecanismos operatórios de linguagem implicados na (re)construção do processo de significação próprio aos enunciados – o que, afinal, a condição de “traços” à qual são alçados sugere” (2019, p. 185).

Uma das teses que a teoria sustenta é a de que a construção enunciativa decorre de operações de orientação e, em particular que passa pela determinação de pontos de vista diferenciados. “Enunciar é construir um espaço, orientar, determinar, estabelecer uma rede de valores referenciais” (CULIOLI, 1999b, p. 44). É uma construção realizada por um determinado enunciador, numa dada situação, envolvendo a intenção do coenunciador.

As operações que ocorrem na relação enunciativa ancoram a relação predicativa na situação de enunciação, constituindo assim os enunciados, a significação. Deste modo “a significação não é então veiculada, mas (re)-construída. A relação entre produção e reconhecimento supõe a capacidade de ajustamento entre os sujeitos” (CULIOLI, 1990, p.26, tradução nossa)²⁸.

Sobre o enunciado Culioli diz:

O enunciado não constitui uma simples ocorrência material, mas também um constructo teórico, que se pode definir como um arranjo de marcadores (isto é, de traços de operações), localizado em relação a um sistema complexo de coordenadas enunciativas. O primeiro enunciador (locutor) constrói o enunciado, isto é, agencia um arranjo regulado de marcadores, de modo que o coenunciador (interlocutor) ajuste seu sistema de determinação, graças ao enunciado (entre outros índices) e reconstrua as operações cujos traços são encontrados no texto (1978, p. 486, *apud* PRIA, 2009, p.38).

Desta forma temos que um enunciado é localizado em relação a uma situação de enunciação a qual é definida em relação a um sujeito enunciador e a um tempo da enunciação.

Ainda sobre o enunciado Franckel diz que

deve ser entendido como um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, no âmbito de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual é vestígio. A justificativa pelo termo “operação” deve-se justamente à hipótese de que o valor referencial do enunciado não é dado, mas algo construído (2011, p. 44).

²⁸ La signification n'est donc pas véhiculée, mais (re)-construite. La relation entre production et reconnaissance suppose la capacité d'ajustement entre les sujets (CULIOLI, 1990, p. 26).

Franckel enfatiza que “o enunciado não é considerado como o resultado de um ato de linguagem individual, ancorado em um *hic et nunc* qualquer por um enunciador qualquer” (2011, p. 44), a aceitabilidade dos enunciados está ligada aos ajustes necessários a cada situação de enunciação. Segundo Rezende,

o que temos em um enunciado, visto de um ponto de vista dinâmico, são dois espaços contraditórios, para cada um dos quais temos sujeitos, forma e conteúdo. A construção da representação em um enunciado resulta de um diálogo entre esses dois espaços em conflito: um mais instável (enunciativo) e outro mais estabilizado (predicativo) (2008, p.136).

Deste modo nota-se que o enunciado só é suscetível de interpretação em relação ao contexto, ou seja, é um processo que se recupera a partir da enunciação, visto que, não se parte do contexto para o enunciado e sim do enunciado para o contexto.

3.5 Por que enunciado não é frase na TOPE?

Na TOPE, como já vimos, os enunciados, constituem o material a partir do qual se estuda a relação entre a atividade de linguagem e as línguas.

Para Culioli há diferença entre frase e enunciado, “a frase está relacionada com as regras que definem a relação predicativa pelo conceito de léxis e o enunciado, por sua vez, com a localização de uma relação predicativa numa situação de enunciação por um sistema de referência” (ZAVAGLIA, 2010, p. 59).

Em suas próprias palavras:

Os enunciados são finalmente o produto de uma instanciação de um esquema de léxis, ele mesmo situado no espaço de referência regulado. Assim, generalizando, podemos reconduzir a construção de um enunciado à (1) colocação em relação de uma noção e de uma ocorrência dessa noção, (2) à localização dessa ocorrência em relação ao sistema de determinação (CULIOLI, 1999a, p. 13)²⁹.

²⁹ Les énoncés sont finalement le produit de l’instanciation d’un schéma de lexis, lui-même situé dans un espace de référence régulé. Ainsi, em généralisant, on peut ramener la construction d’un énoncé à (1) la mise em relation d’une notion et d’une occurrence de cette notion. (2) la localisation de cette occurrence par rapport à un système de repérage (CULIOLI, 1999a, p. 13).

O enunciado está ligado à noção de boa formação de modo que as regras de boa formação enunciativa não correspondem necessariamente às regras de boa formação da frase. Para que o enunciado seja considerado bem formado, é necessária a presença de um localizador, marcando a localização do enunciado numa situação enunciativa. Ou seja, “para que um enunciado seja construído, é preciso que o sujeito situe a relação predicativa num espaço enunciativo e que ele tome uma posição transformando a relação predicativa em uma relação enunciativa com um dado valor modal” (ZAVAGLIA 2010, p. 62).

Nesse sentido podemos dizer que “a boa formação de um enunciado, entretanto, não é avaliada segundo a oposição gramaticalidade/agramaticalidade, mas segundo a sua localização em relação a uma situação de enunciação” (PRIA, 2009, p.36).

O enunciado é organizado em 3 níveis: relação primitiva, relação predicativa e relação enunciativa. Logo, o termo enunciado terá características bem definidas, pois: “[No enunciado] encontram-se relações primitivas, um parâmetro de localização espaço-temporal, um sujeito que é a fonte de todas as avaliações e que constrói os sistemas visados e de representação com relação à situação real” (Culioli, 1987, *apud* ZAVAGLIA 2010, p. 62).

Neste processo verificamos, portanto, que a enunciação de um enunciado feito por um sujeito enunciador contém necessariamente o outro enunciador, nessa relação temos a coenunciação que é constitutiva da própria enunciação.

3.6 Operações de estabilização de sentido: parafraseagem, glosagem e desambiguação

A atividade de paráfrase é considerada um exercício de reformulação, que implica uma relação complexa e indissociável entre sentido e significação linguística em busca da estabilidade, “[...] sem estabilidade, não haveria ajustamento regular, nem comunicação, qualquer que seja o alcance que damos a esse termo, e a interação somente seria uma sucessão de acontecimentos sem coerência” (CULIOLI, 1990, p.129)³⁰.

Nesse contexto, Franckel esclarece que

um aspecto importante dessa teoria transparece no aforismo segundo o qual “a compreensão é um caso particular do mal-entendido”. Isso significa que a

³⁰ sans stabilité, il n'y aurait pas d'ajustement régulier, pas de communication, quelle que soit la portée que l'on donne à ce terme, et l'interaction ne serait qu'une succession d'événements sans cohérence. (CULIOLI, 1990, p.129).

estabilidade necessária para que um processo de compreensão-interpretação seja possível nada mais é do que uma estabilidade conquistada e provisória, da qual uma teoria da deformabilidade deve dar conta (2011, p. 43-44).

Segundo Zavaglia “a parafraseagem é um fenômeno languageiro e linguístico que se dá por uma atividade de julgamento dos sujeitos, atividade essa inserida no processo de reconhecimento e produção de formas e num processo prévio de reconhecimento” (2010, p. 143).

Zavaglia (2010, p. 144), ainda acrescenta que para Culioli, o linguista pode, portanto, construir e controlar regras de derivação parafrástica, pode demonstrar que os enunciados são fundamentalmente ambíguos, mas ele não pode, de modo algum, controlar as regras de modulação que dão origem à significação, pois elas são instáveis e imprevisíveis.

Nesse contexto, evidenciamos, através das palavras de Cumpri, que a atividade parafrástica

[...] caminha em dois sentidos: (i) um primeiro que se direciona a eliminar ou amenizar uma opacidade que é inerente à própria linguagem que só cede lugar a um significado temporariamente estável quando se mostra a função integrante dos termos (a articulação léxico-gramática); (ii) um segundo que mostra que qualquer reformulação subentende uma modificação de sentido. Embora a parafraseagem não seja uma variação radical justamente por conservar algo do enunciado de origem. Aquilo que se perde entre o enunciado matriz e a paráfrase sustenta a autonomia e a complexidade das línguas naturais (2012, p. 19).

Conforme Culioli “a glosa é definida como a própria atividade languageira do sujeito enunciador que não é totalmente passível de controle, portanto que se dá de forma inconsciente” (ZAVAGLIA, 2010, p. 147). Zavaglia ainda destaca “[...] que a paráfrase é a tentativa, por parte do linguista, de simular as glosas produzidas pelos sujeitos enunciantes” (*idem*).

Deste modo é importante frisar que há uma diferença entre paráfrase e glosa. Acrescentamos que a paráfrase é uma atividade metalinguística com regras próprias e controláveis pelo linguista.

3.7 O centro da Teoria: noção e organização de domínios nocionais

Culioli define a noção como:

[...] um sistema complexo de representação estruturante de propriedades físicas e culturais de ordem cognitiva (as chamadas noções lexicais, noções gramaticais (aspectualidade, etc.) e, em geral, qualquer relação entre noções). Uma noção é anterior à categorização de substantivo, verbo, etc. É definido como intensão e não pode ser quantificado (1999a, p. 100, tradução nossa)³¹.

A noção, ainda segundo Culioli (1990), é virtual e não disponível em todas as suas acepções, não correspondendo, diretamente, a um item lexical, é em si, inacessível. Para Franckel e Paillard,

a noção é em si própria indizível, sendo apreendida senão através das realizações particulares que são suas ocorrências. Ela implica, portanto, relacionar uma ordem de existência, que não é materializável, nem exibível, nem dizível em si, com as marcas dessa existência, e que jamais são senão suas marcas (2011, p. 92).

A noção está situada no nível I, nível das representações mentais porque não possui materialidade e se manifesta sob a forma de linguagem. A noção não constitui um conjunto de propriedades fixas ao enunciado, seu sentido é construído, não pré-determinado. Noção não é só representacional, não é só referencial, é de certo modo imaterial, ou seja, “incorpore”, não é a palavra em si, mas, é ela que sustenta uma ocorrência de língua.

Conforme Culioli, “as noções têm propriedades formais invariantes e, portanto, permitem, por seleção e combinação, agrupamentos de propriedades; esses agrupamentos são variáveis e fornecem uma multiplicidade de caminhos possíveis entre o nível I e o nível II” (1999a, p.164, tradução nossa)³².

De acordo com Pria (2009, p.51), “do ponto de vista linguístico, as noções são abordadas como entidades cognitivas apreciadas não só por uma dada cultura, mas também por condições enunciativas. Assim, só podem ser apreendidas através de ocorrência fenomenológicas, em eventos enunciativos”. Pria acrescenta que:

a noção distingue-se do “conceito” e do “signo” justamente porque faz intervir o estável – dado pela representação de propriedades físico-culturais definidas

³¹ Nous appellerons notion un système complexe de représentation structurant des propriétés physico-culturelles d'ordre cognitif (notions dites lexicales, notions grammaticales (aspectualité, etc) et de façon Générale, toute relation entre noptions). Une notion est antérieure à la catégorisation en nom, verbe, etc. Elle est définie en intension et n'est pas quantifiable. À partir d'une notion, on construit un domaine notionnel, muni de propriétés formelles (construction de la classe, construction du complémentaire linguistique, etc.).

³² les notions ont des propriétés formelles invariantes et elles permettent donc, par sélection et combinaison, des regroupements de propriétés ; ces regroupements sont variables et fournissent une multiplicité de chemins possibles entre le niveau I et le niveau II (CULIOLI, 1999a, p.164).

no interior de uma cultura e socializadas entre os sujeitos nela inseridos – e o deformável – dado pelas modulações do sujeito sobre o estável (ou o que é tido como estável nas relações intersubjetivas) segundo sua vontade, desejo e intenção ou, ainda, do impedimento dessas três diante do que está estabilizado (*idem*, p. 52).

Culioli (1990, p. 55) diz que a ocorrência de uma noção pode ser contemplada sob três princípios inter-relacionados: o fenomenológico, os linguísticos e o metalinguístico. Do ponto de vista fenomenológico, as ocorrências dizem respeito à existência de objetos com os quais entramos em contato desde a infância.

Pode-se dizer que “cada ocorrência é um indivíduo cuja singularidade o distingue de todas as outras, visto que a relação ao tipo estabelece o comparável” (Franckel e Paillard, 2011, p. 93). “Essa singularidade será própria às situações particulares em que sujeitos enunciadorees colocam em prática a atividade de linguagem, seja na produção seja no reconhecimento de formas linguísticas” (PRIA, 2009, p. 25).

Uma ocorrência é,

[...] portanto, um indivíduo singular que corresponde a um aspecto ou ponto de vista particular de uma noção e, ao mesmo tempo, uma realização que é conforme noção. Trata-se de dois modos de estabilização indissociável que se estabelecem com ponderações variáveis. O domínio nocional corresponde à diversidade das ocorrências da noção em função da articulação singularidade/exemplaridade” (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p.94).

Segundo Pria, o domínio nocional, do ponto de vista metalinguístico, compreende um domínio abstrato, não de representações cognitivas, mas de representações metalinguísticas que estruturam ocorrências das noções (2009, p.57).

Por conseguinte, complementamos, com as palavras de Rezende, que

o domínio nocional evoca a ideia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre eles. Essa relação será sempre aquela que o enunciador escolhe. Isso implica em um esquema: objetos são escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzir segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos, então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio (2000, p. 104).

Portanto, vimos que é “a partir de uma noção, que construímos um domínio nocional, dotado de propriedades formais (construção da classe, construção do complemento linguístico,

etc.) (CULIOLI, 1999a, p. 100, tradução nossa)³³. Podemos depreender, nesse sentido, que a noção não se descreve nem como verbal e nem como nominal.

3.7.1 Interior, exterior e fronteira

As ocorrências que apresentam propriedades em comum com o centro atrator são definidas como pertencentes ao ‘interior’ do domínio nocional, denominadas propriedades tipicamente *p*. As ocorrências que não tiverem propriedades suficientes (não completas) com o centro, são as pertencentes ao ‘exterior’ do domínio nocional, denominadas de propriedades não-*p*.

Entre o ‘interior’ e ‘exterior’ do domínio nocional existe uma fronteira, “isto é, o que tem a propriedade "p" e ao mesmo tempo a propriedade alterada, o que significa que não é mais totalmente "p", que não tem a propriedade "p", mas que não é totalmente externo” (CULIOLI, 1990, p.88, tradução nossa)³⁴. “O conceito de fronteira, aqui entendido como fronteira de um domínio nocional, é o intervalo ou mesmo o campo vazio entre duas propriedades (*p* e *p'*, *p* e não *p*, verdadeiro e falso, etc.)” (CUMPRI, 2012, p. 50).

Exemplificando, observe a distribuição no domínio nocional da noção /professor/:

- E1) Pedro é professor;
- E2) Pedro não é professor;
- E3) Pedro é quase um professor;
- E4) Pedro é advogado;

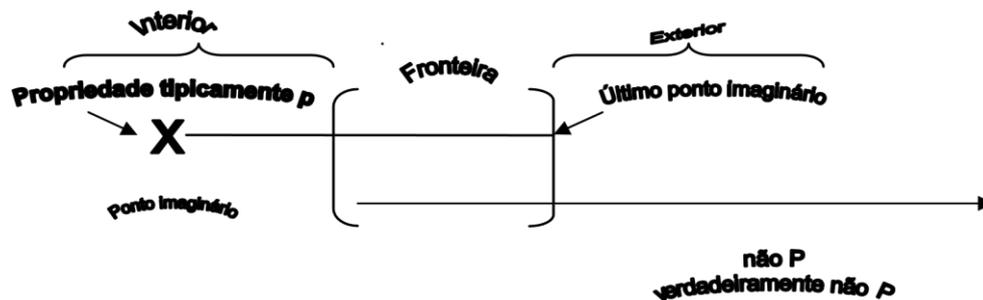
Considerando o exemplo acima com a noção /ser professor/ podemos encontrar no centro organizador, a propriedade ‘verdadeiramente professor’. Observe que o E1 encontra-se na zona interior do domínio, temos tudo que se pode chamar de professor, (verdadeiramente *p*). O E2 encontra-se na zona exterior do domínio, não têm propriedades da noção /ser professor/ (não-*p*). O E3 encontra-se na fronteira, entre o interior e exterior, não sendo nem um nem outro,

³³ À partir d’une notion, on construit un domaine notionnel, muni de propriétés formelles (construction de la classe, construction du complémentaire linguistique, etc.) (CULIOLI, 1999a, p. 100).

³⁴ On va construire une frontière: c’est-à-dire ce qui a la propriété "p" et en même temps la propriété altérée, qui fait que ce n’est plus totalement "p", que cela n’a pas la propriété "p", mais que cela n’est pas totalement extérieur. (CULIOLI, 1990, p. 88).

mas ao mesmo tempo, contém propriedades que podem ligar a um ou outro. O E4 está totalmente fora da zona interior, pois não tem propriedades /ser professor/, porém poderá ter relação com o exterior, /não ser professor/, visto como uma propriedade (verdadeiramente não-p).

Para melhor compreender o que foi explicitado acima, segue uma exemplificação por meio do esquema abaixo:



(Fonte: Cumpri, 2008, p.58)

3.7.2 O centro atrator e a ocorrência privilegiada

Entre as propriedades possíveis representadas numa determinada ocorrência, teremos uma que sempre será considerada privilegiada. É aquela que nenhum de nós tem condição de negar por si só, ou seja, é aquela noção que não depende mais de nós, chega-se a uma espécie de centro do domínio, ao alto grau, denominado de centro atrator. Isso posto, confirmamos pelas palavras de Culioli, que vamos ter um centro que nos dará um organizador (é realmente isso), um atrator (o grau alto)” (1990, p.88, tradução nossa)³⁵.

Quando se tem identificada essa propriedade central, ao redor dela podemos construir outras propriedades que gradativamente se distanciam e se aproximam dessa propriedade.

3.7.3 O tipo, o atrator

³⁵ On va donc avoir un centre qui va nous donner un organisateur (c'est vraiment telle chose), un attracteur (le haut degré) (CULIOLI, 1990, p.88).

O tipo e o atrator são considerados dois polos organizadores pelos quais uma ocorrência passa para se estabilizar.

Sobre o tipo, Culioli evidencia que:

Essa ocorrência representativa pode definir uma enumeração de propriedades, mas não necessariamente. Ela pode se exprimir sob as formas a que chamo X, a ideia que faço de X um verdadeiro X para mim, etc.". Isso não prejudica o modo de organização do tipo em relação às suas ocorrências. O tipo é a condição enunciativa de ajuste e regulação (1999b, p.12, tradução nossa.)³⁶.

O tipo é o que permite estabelecer a classe à qual certa propriedade pertence. “O tipo permite estabelecer a pertença de um exemplar de livro à classe de livros.” [...] “Um exemplar está conforme a propriedade que ele identifica e da qual constitui uma amostra.” (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p.93).

Segundo Culioli, “as ocorrências de uma noção são construídas em sua variedade [...] e são ordenadas num gradiente que não inclui um primeiro ponto de origem, mas um atrator, qualificador, inacessível às diferenciações e determinações, regulador imaginário de nossas representações” (1999b, p.127, tradução nossa)³⁷. “O atrator é uma ocorrência imaginária, portanto, inacessível, que congrega todas as propriedades da noção em alto grau (seu valor extremo), ou seja, não se colocam em questão as propriedades que lhe são próprias versus as que não são” (PRIA, 2009, p.61).

É o atrator que permite determinar “em qual medida uma ocorrência tem a ver com a noção”. Ele também estabelece uma “dupla singularidade: a singularidade da noção, enquanto indivisível, e a singularidade dos indivíduos” (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p.93).

Assim, “enquanto o tipo induz uma operação tudo ou nada, o atrator introduz o contínuo, a orientação para o centro ou para o exterior, em suma propriedades topológicas, que tornam o

³⁶ Cette occurrence représentative peut définir par une énumération de propriétés, mais pas nécessairement. Elle peut s'exprimer sous des formes comme ce que j'appelle X, l'idée que je me fais de X, un vrai X pour moi, etc. Ceci ne préjuge pas du mode d'organisation du type par rapport à ses occurrences. Le type est la condition énonciative d'ajustement et de régulation (CULIOLI, 1999b, p.12).

³⁷ Les occurrences d'une notion sont construites dans leur variété [...] et s'ordonnent en un gradient qui ne comporte pas de premier point origine, mais un attracteur, qualificatif, inaccessible aux différenciations et aux déterminations, régulateur imaginaire de nos représentations (CULIOLI, 1999b, p.127).

sistema plástico e dinâmico, o todo permitindo uma estabilização intersubjetiva” (CULIOLI, 1999b, p. 127, tradução nossa)³⁸.

3.7.4 O alto grau

O alto grau da noção está relacionado à organização do domínio nocional pelo atrator. Quando há a estabilização da noção temos o que denominamos de alto grau. No exemplo dado com a noção /professor/, pode-se perceber que percorremos todos os graus de /ser professor/ da fronteira do domínio em direção ao centro organizador, no interior e o exterior até o momento em que a ocorrência de /professor/ alcança o alto grau, ou seja, quando ela se estabiliza em relação à ocorrência singularizada da noção.

³⁸ Alors que le type induit un fonctionnement en tout ou rien, l'attracteur introduit le continu, l'orientation vers le centre ou l'extérieur, en bref des propriétés topologiques, qui rendent le système plastique et dynamique, le tout permettant une stabilisation intersubjective (CULIOLI, 1999b, p. 127).

SEÇÃO 4

4.1 AS ANÁLISES

A escolha da marca “ranço”, como objeto de investigação, deu-se pela sua recorrência em diversos enunciados advindos do meio midiático, mais precisamente da internet (sites, redes sociais). Nesse cenário pode-se observar famosos, personalidades e pessoas comuns que já aderiram à onda do “ranço” e que compartilham frases e situações do dia a dia contendo a palavra “ranço” para além da qualificação habitual que ela costuma dar a alimentos, geralmente compostos de um teor elevado de algum tipo de gordura.

O termo também foi aderido ao modismo de estampas de camisetas, bonés, entre outros. Hoje é utilizado em toda a rede em conjunto com imagens, gifs e vídeos e, sem demorar muito, se transformou num ‘meme’ bastante popular.

Foi justamente essa proliferação de ‘ranço’ que nos motivou a pensar essa marca pelo viés enunciativo, com vistas à compreensão de seu funcionamento semântico.

Como primeiríssimo passo decidimos buscar a etimologia de ‘ranço’ no intuito de descobrirmos se a origem contribuiu para pensarmos os sentidos construídos nos enunciados.

Para a pesquisa, utilizamos o dicionário on-line “Michaelis” site < <https://michaelis.uol.com.br/>> que nos remete à seguinte definição etimológica de ranço:

ETIMOLOGIA – latim rancidum, - espanhol rancio

Ranço - ran·ço

sm – substantivo masculino

1 Alteração ou decomposição que sofrem as substâncias gordurosas em contato com o ar, oxigenando-se, apresentando um cheiro característico desagradável e mau sabor.

2 Cheiro característico do que é úmido, sem ar; bafio, mofo.

3 FIG Coisa antiquada, obsoleta.

Adj. rançoso.

As definições de ranço encontradas no Aurélio - Dicio, Dicionário Online de Português no site > <https://www.dicio.com.br/ranco-2/>> é:

Significado de Ranço:

substantivo masculino

Cheiro ruim ou sabor acre de uma substância gordurosa.

[Gíria] Ressentimento ocasionado pelas mais variadas razões; mágoa, rancor: já peguei ranço dele e agora esse namoro acabou!

Mau sabor; vestígio, ressaibo: comida que me deixou um ranço na boca.

Cheiro próprio do que está úmido, cheio de água; mofo, bafio.

[Figurado] Coisa que torna algo ruim: ranço de presunção na sua fala.

[Figurado] Condição do que está fora de moda; velho, antiquado.

adjetivo

De cheiro ruim ou sabor acre; rançoso.

Etimologia (origem da palavra ranço). Do latim rancidus.a.um.

De cara, apesar de termos notamos que na etimologia de ‘ranço’ haja propriedades que se emprestam às ocorrências de ‘ranço’ em função do que seria uma “gíria”, temos ciência do desafio que nos é imposto: o de explicar, diante de toda variação possível, o princípio que regula o sentido tanto de ‘ranço’ do dicionário *Michaelis* (“alteração ou decomposição que sofrem as substâncias gordurosas em contato com o ar, apresentando um cheiro característico desagradável e mau sabor), quanto o de ‘ranço’ em perspectiva enunciativa atual, como em: “Tenho ranço de quem se atrasa e não justifica”

À vista disso, o que propomos com as análises é, basicamente, a verificação da regularidade que há no processo de variação de sentido, e a partir dessa regularidade, mostrar como o sentido se estabiliza, ainda que provisoriamente, no enunciado, por meio de análises permeadas pelos pressupostos da TOPE.

4.2 A Metodologia e análise

Como já relatamos na seção três, para TOPE, não se deve assumir que uma marca tenha um sentido próprio ou primeiro, pois, não podemos nos excetuar das variações de sentido que uma marca, em cada contexto específico, pode apresentar. Porém, ainda sabendo disso, para chegarmos à etapa final da nossa pesquisa, procuramos inicialmente observar enunciados em que ‘ranço’ aparentaria ter o sentido padrão oriundo de ocorrências dessa marca que

responsabilizariam por ajudar, entre outras possíveis, na designação do termo que ele determina, daí ‘ranço’ sempre atribuiria um valor descritivo ao termo por ele localizado.

O conceito de linguagem que a TOPE defende não acredita no valor descritivo, pois o que sustenta a linguagem não é um valor descritivo, o valor é sempre enunciativo e depende do material verbal em articulação, já que é no enunciado que brota o sentido. Porém, evidenciamos que cada etapa da pesquisa foi relevante para superar esse valor primário e chegar ao valor que se encontra no enunciado.

Na testagem dessa hipótese surgiram enunciados como “Nossa, esse doce de leite está com gosto de ranço”. Nesse exemplo, numa análise superficial, ‘ranço’ atribuiria um valor negativo ao sabor do doce de leite, inclusive com textura e aroma diferentes do que se costuma ter em ‘doce de leite’.

Em primeira instância ‘ranço’ seria um qualificador (posto como adjetivo pela gramática tradicional) que ressalta as características negativas do doce. Desse exemplo pensamos que as propriedades identificadas da ocorrência de ‘ranço’ nos levam ao que o senso comum se responsabiliza pela construção de um domínio nocional de ranço. ‘Ranço’ impõe um obstáculo para que ‘doce de leite’ seja o doce de leite que deve ser (de acordo com o senso comum). ‘Ranço’, aqui, representa a descaracterização das propriedades físicas esperadas para o doce. Ranço faz de doce de leite um doce de leite que não se quer como doce de leite.

Contanto, esse tipo de enunciado em momento algum nos satisfaz porque se assim o fosse, a motivação para estudarmos o que até então entendíamos por gíria, cairia por terra.

Daí, num segundo momento, buscamos enunciados em que ‘ranço’ era o desvio do valor que encontramos no exemplo anterior. Acreditávamos ser essa a principal característica da gíria, o que nos fez buscar enunciados como “Estou com tanto ranço dele que não posso nem ver”. Nesse caso, apesar de não se destacarem, a priori, as propriedades físicas ‘dele’, ‘ranço’, tal qual no enunciado anterior, suscita um impedimento à apreciação do outro, ainda que não seja um doce. Neste enunciado observamos a relação de sentimento, diferente do enunciado anterior que se referia a sabor uma espécie de sensação³⁹, aqui se apresenta como um sentimento negativo, acaba por ser uma espécie de ressentimento que pode significar mágoa, rancor, ciúmes, inveja, divergências políticas, etc.

A linguagem tem por propriedade descrever uma realidade exterior? Na primeira ocorrência podemos observar que sim, que há uma descrição da realidade, remetendo a

³⁹ Nota-se que há diferença entre sentimento e sensação, observa-se que sentimento é um fenômeno subjetivo, interno, e refere-se a um estado afetivo ou uma reação relacionada às emoções. Já a sensação é um fenômeno perceptivo, principalmente externo e é recebida por nossos sentidos e vai relacionar os elementos sensoriais.

sensação, já na segunda ocorrência percebemos que não há descrição dessa realidade, pois remete a um sentimento.

Vimos que para ambas construções, que é dada de gíria e não gíria, podemos observar que houve um espaço de mudança, de variação, saiu da sensação para o sentimento. Aqui percebemos o que a TOPE sustenta, de que não há um sentido primeiro, fixo, mas por outro lado vimos que existe um sentido que o senso comum protege que são as ocorrências privilegiadas do dia a dia que geraram ranço como o dicionário coloca.

Após essa análise, acreditávamos ter chegado ao ponto nevrálgico entre valor padrão e valor deformado de ‘ranço’, de modo que tanto ‘ranço’ de “ranço de doce leite” e ‘ranço’ de “ranço de alguém” poderia ocupar o lugar do sentido denotativo. Afinal, estávamos diante de propriedades em comum que justificassem o surgimento de uma gíria e de predicções que bem poderiam ser organizadas em grupos de similaridade estrutural.

Assim fizemos porque a variação regulada é o que tínhamos como garantia e explicá-la seria o nosso desafio metalinguístico.

Ao pinçarmos os enunciados, notamos que eles podiam ser divididos em grupos que facilitariam nossa busca pelo princípio da variação. Nessa divisão, além da busca pelos lugares privilegiados de ‘ranço’ na hipersintaxe, quisemos perceber se em cada grupo se destacava um valor descritivo para ‘ranço’ (como o encontrado em “ranço de doce de leite” ou um valor subjetivo para “ranço” (como o encontrado em “ranço dele”).

Seguem os 6 grupos identificados:

- **Grupo A**

(verbo de estado ou condição + (com) ‘ranço’)

1. “Estou com ranço dele que não posso nem ver”.
2. “Estou com ranço dela desde que ela mentiu para mim”.
3. “Odeio que mintam para mim, fico com ranço.”
4. “Triste é sentir ranço e ter que ver a cara da criatura todos os dias.”
5. “Até de mim mesmo eu sinto ranço às vezes. Imagina de quem já me fez mal.”
6. “Às vezes sinto um ranço se formando dentro de mim, acho que é a realidade adentrando meu ser.”
7. “Não sinto ódio, sinto é ranço mesmo.”

8. “Não sei explicar o tamanho do ranço que eu tenho de gente mentirosa.”

Nos enunciados do grupo A, nota-se uma relação de sentimentos presente, a noção de ranço está posicionada como uma propriedade qualificadora, bem marcada pela flexão de verbos como, estar, ter, ficar e sentir que se colocam como relatores na atribuição da propriedade qualificadora, cujos indícios levam a propriedades como raiva, ódio, ressentimento, rancor, desprezo.

Observando a flexão dos verbos estar, ter e ficar nos enunciados E1, E2, E3, E8, verifica-se que - ‘estou com ranço’ [...] e [...] ‘fico com ranço’ (de algo/alguém)’, possuem significados muito próximos ao da expressão ‘ter ranço (de algo/alguém)’, porém com uma ligeira diferença, pois o uso dos verbos ‘estar’ e ‘ficar’ indicam a ideia de estado, ou seja, podemos dizer que o ranço pode não ser permanente.

Os enunciados com o verbo sentir remetem à sensação, logo, sensações podem mudar rapidamente. Deste modo, o ranço em tais enunciados seria uma espécie de sentimento passageiro.

No enunciado E7 a marca ‘mesmo’, classificada gramaticalmente como um pronome demonstrativo, faz uma retomada específica da oração anteriormente desenvolvida, ela reafirmar que o ranço não é ódio, reforça o sentido de certeza de o sentimento ser ranço, e não outra coisa.

Em síntese, com relação ao domínio nocional, vê-se nos enunciados do grupo A, a noção /ranço/, à qual é atribuída a propriedade verdadeiramente p /ser ranço/.

Neste grupo apreende-se que no interior do domínio nocional ‘ranço’ há propriedades como <estar com raiva>; <ficar com raiva>; <sentir raiva> e que ambos têm a ideia de algo passageiro, em que ranço não pode ser permanente, em relação ao estado do sujeito enunciador. Em contrapartida, pode-se vislumbrar no exterior do domínio nocional de ‘ranço’ as propriedades <estar tranquila>, <ficar serena>, <sentir harmonia>, que o sujeito enunciador não apresenta no momento. Na fronteira desse domínio, tem-se: <estar um pouco com raiva>, constitui-se uma verdade, porém há ressalvas, existe um eufemismo em relação à extensão da raiva, pois o sujeito enunciador, no presente momento, não quer permitir que os outros percebam sua pouca serenidade.

- **Grupo B**

(PEGAR + () ‘ranço’, de modo que () é o espaço ocupado por alguma marca de quantificação ou qualificação)

1. “Peguei ranço dela desde que nos encontramos ontem.”
2. “Eu gostava dele, mas depois da festa de ontem peguei um ranço enorme!”
3. “Discutir? Imagina, pego meu ranço e vou embora”.
4. “Que seja eterno até eu pegar ranço”.
5. “Peguei tanto ranço que nem a voz eu aguento mais.”
6. “Peguei bastante ranço dele.”

Observa-se previamente que os enunciados do grupo B se relacionam a pessoas e não coisas. Quando uma pessoa pega ranço de outra, ela passa a ter um sentimento de aversão em relação a essa pessoa. Neste sentido, pode-se ressaltar, de todos os enunciados acima, que ranço está determinado como sentimento relacionado a repulsa, repugnância, nojo, asco.

Das ocorrências em análise, destacam-se as marcas ‘um’ (E2), ‘tanto’ (E5) e ‘bastante’ (E6), que, nos enunciados em questão, determinaram qualitativamente a noção ranço. Em relação ao domínio nocional, nos enunciados do grupo B, as ocorrências de ‘ranço’ apontam para propriedades que se aproximam do atrator. Isso porque as articulações entre a marca ‘ranço’ e as marcas ‘um’, ‘tanto’ e ‘bastante’, estabilizam como qualitativo os sentidos de ranço, chegando ao grau máximo da tolerância, assim, o mesmo atinge o alto grau da noção /ranço/, não sendo possíveis outras qualificações.

- **Grupo C**
(x TER ‘ranço’)

1. “Odeio pessoas que têm ranço”
2. “Ele tem ranço da ex-namorada”.
3. “Tenho ranço desta cidade”

Nos enunciados do grupo C, observamos que E1 e E2 fazem referências às pessoas, enquanto E3 refere-se à coisa/objeto.

Quando dizemos que uma pessoa tem ranço de alguém ou de algo, como no E2 e E3, depreende-se que nos referimos a alguma coisa mais permanente, indicando uma espécie de raiva, desprezo. Aqui se depreende que a marca apresenta certa estabilidade. No E1 ter ‘ranço’ soa como algo relacionado a antipatia.

Diante das ocorrências E2 e E3 não podemos dizer que ‘ranço’ é o mesmo ‘ranço’ que determina sabor residual ou gosto ruim, mas podemos dizer que recupera uma mesma operação cujo resultado é a individualização de algo, mas de um algo que não deveria ser o que não corresponde à expectativa do que se pensa que deveria ser.

Pensando o domínio nocional de <ranço> nos enunciados do grupo C pode-se perceber que no interior do domínio está: <ter raiva; ter desprezo, ter antipatia>, enquanto no exterior está: <ter afeto; ter admiração; ter simpatia>.

- **Grupo D**

(‘Ranço’ em função de argumento de origem)

1. “Oi, o ranço está?”
2. “O ranço é meu e eu pego de quem eu quiser”
3. “A raiva passa, mas o ranço é eterno.”
4. “Nada contra você, apenas um ranço forte.”
5. “Prazer, ranço.”
6. “Ranço... caminho sem volta”
7. “Ranço é uma coisa que dá e não passa.”

Considerando os enunciados do grupo D, verifica-se que nos E2, E3, E4, E6, E7, são atribuídas a ‘ranço’ propriedades que circundam a noção <ressentimento> como: mágoa, ciúmes, inveja, etc., como também uma situação ou momento desagradável. Observam-se, entre os enunciados, propriedades adquiridas por algo ou alguém em razão do ambiente/lugar em que está.

Num olhar mais atento para as ocorrências de ‘ranço’ em E1 e E5, diríamos que elas ocupam o lugar do que tradicionalmente se chama de substantivo próprio, o que atribui à marca um valor subjetivo.

- **GRUPO E**

(‘Ranço’ (substantivo) x semelhança)

1. “Filho de ranço, rancinho é”
2. “Cada ranço no seu galho”
3. “Ranço gera ranço.”
4. “Eu acredito em ranço à primeira vista”
5. “Ranço que ladra, não morde”

Nos enunciados do grupo E, podemos verificar que há algo que altera o movimento representado por ‘ranço’, no momento da enunciação apresenta funcionamentos que fogem muito a um padrão de qualificador de alimento.

Nota-se que o substantivo participa para a construção da existência de algo que é ‘verdadeiramente ranço’ a ponto de fugir à simples determinação para chegar a uma operação de individuação a partir de analogias com ocorrências de outros termos que, em dados contextos, formam chavões em português brasileiro. Em E1, comuta-se ‘peixe’ e ‘peixinho’ por ‘ranço’ e ‘rancinho’, respectivamente. Em E2, ‘macaco’ por ‘ranço’, em E3, ‘gentileza’ cede lugar a ‘ranço’ em duas posições. Em E4, ‘ranço’ substitui ‘amor’ e em E5, substitui ‘cão’.

Observa-se nas cenas enunciativas uma imposição assujeitada pelo sujeito enunciador como algo pré-determinado. Nestes enunciados temos uma definição chamada de analogia, as quais remetem à semelhança com “ditados populares”.⁴⁰

- **GRUPO F (que + ‘ranço’)**

1. “Que ranço de quem não responde rápido no WhatsApp”.
2. “Que ranço de quem usa o Twitter no modo claro.”
3. “Mas que ranço, não canta nada.”
4. “Que raiva, que ranço é esse?”
5. “Que ranço, já até me acostumei”.

⁴⁰ Substantivo masculino. Frases curtas, de autor desconhecido, que exprimem, muitas vezes de modo metafórico e ritmado, um pensamento, ensinamento, advertência ou conselho: finalizou o discurso citando o dito popular que ouvia de seu pai: “gentileza gera gentileza”.

A construção ‘que ranço’ aponta para a exacerbação das propriedades da noção <ranço>. Não se trata de algum ranço, de qualquer ranço, mas do ranço cujas propriedades não são tipificadas. Há uma identificação instantânea entre ‘ranço’ desses enunciados e o alto grau da noção <ranço>. Dizer “que ranço” equivale a dizer “o que eu sinto por x é o melhor exemplo possível do que se entende por ranço”.

Esses enunciados colocam no exterior do domínio ocorrências como “Tenho quase um ranço dele”, “É um pouco de ranço que você sente, não é?” “É meio que um ranço criticar tudo o que ele diz”.

Com os enunciados do grupo F, as ocorrências de ‘ranço’ apontam para propriedades que se aproximam do centro do domínio nocional ‘ranço’. As articulações entre a marca ‘ranço’ e a construção ‘que ranço’, cujo aspecto não se trata de qualquer ranço, mas do ranço que perdeu outras possíveis propriedades válidas, leva à estabilidade, chega-se, deste modo, ao alto grau da noção.

Com as análises podemos inferir que ambos os grupos de A à F, os valores de ‘ranço’ atribuídos à predicação seriam subjetivos, pois, segundo o princípio de testagem aqui empregado, não descrevem o físico (sabor, textura, etc) de alguém.

Vimos que as ocorrências de ranço que se têm, são as ocorrências que representam um alto grau apreciativo, o que nos leva a romper o conceito clássico de sentido literal. Com as análises observamos que a linguagem não se reduz a um valor descritivo. Não há um valor de base, não é uma realidade dada que fundamenta a linguagem, embora a linguagem descreva essa realidade.

De tantos enunciados pinçados, mesmo antes de se pensar em divisão em grupos, ‘ranço’ enquanto propriedade de alimento não aparece, o que nos leva a dizer, num tom provocativo, que se houvesse um padrão de valor hoje para ‘ranço’, esse seria o que coloca as propriedades de apreciação de um sujeito para com outro em relevo. Nesse caminho, falar que ‘ranço’ é uma gíria não teria razão de ser, já que a hipótese de um valor descritivo para ranço, após as análises, se mostrou quebradiça e remontada a um valor de subjetividade, tal qual o que pode ser encontrado em qualquer enunciado elencado nos 06 grupos.

Desse modo, para toda a variação possível de sentidos nos enunciados que dividimos em grupos de A à F é possível regulá-la a partir das propriedades localizáveis em: “Nossa, esse doce de leite está com gosto de ranço”, pois conserva-se, a todo custo, aquilo que é marcado

como uma propriedade de 'repulsa', devido ao envolvimento de algo extremamente desagradável. E para ambas construções definidas e apresentadas, o valor negativo vai permanecer.

O que poderia, outrora, ser chamado de modelo/padrão para 'ranço', para um arcabouço como a TOPE, não existe. Num enunciado não há valor inicial ou final, assim como não há gíria porque é no enunciado que brota o sentido. O que há são ocorrências únicas, que levam a estabilizações únicas porque são sempre respostas a outras estabilizações (enunciados) que dependem do acordo entre sujeitos e intrassujeitos. É nesse sentido que se pode falar que qualquer valor de 'ranço' é sempre subjetivo, que é justamente o valor que regula toda variação possível e sustenta uma possível forma esquemática para 'ranço'. Algo como:

< RANÇO ser/ter – algo/alguém cujas propriedades não correspondem ao que se espera/projeta para esse algo/alguém >.

Essa forma esquemática é o que sumariza que valor subjetivo não pode ser outra coisa além de preponderante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem, enquanto atividade, se manifesta a cada ato humano na língua e pela língua. A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas comprova isso tanto nos pressupostos metodológicos e epistemológicos quanto na prática e nossa pesquisa com a marca ‘ranço’ tentou dar sua singela contribuição. Culioli, ao propor uma observação do trabalho do sujeito, nos permitiu discutir e revisitar esse espaço em que linguagem e línguas, léxico e gramática, formal e empírico, sejam articulados.

Assumindo esses pressupostos, nossas análises foram desenvolvidas empregando a metodologia de análise fornecida pela TOPE. Decorreu-se a manipulação dos enunciados, no intuito de compreender como se dá o processo de variação e a estabilidade provisória dos sentidos dos enunciados, o que estava claro desde a apresentação dos objetivos da pesquisa, ainda na etapa do projeto.

Explicar os processos de variação de sentido de uma marca atrelados aos traços dos sujeitos no enunciado, por si só, já pode ser considerado um problema genuíno de pesquisa, pois traz à tona os agenciamentos que determinam a variação e estabilização dos sentidos de uma representação, mesmo que provisoriamente.

Compreendemos que, na TOPE, as análises demandam observação meticulosa do dado linguístico numa relação mutua entre formal e empírico. Essa compreensão fez de ‘ranço’ uma marca que reverbera operações que desmancham conceitos há muito arraigados na semântica, como o de sentido literal (o padrão) e o figurado (a gíria).

Entendemos que a linguagem não se esgota num valor descritivo, o que fundamenta a linguagem não é um valor descritivo, ela se fundamenta por um valor esquemático.

Conseguimos ver que a variação não é terra de ninguém. Existe um princípio que regula toda variação que se garante justamente pelos feixes de propriedades físico-culturais organizados de uma certa maneira (o dado cultural).

Em relação ao processo de estabilização, notamos a presença do sujeito (seus traços no enunciado) como determinante, já que entre o sentido formado e o deformado está esse sujeito para garantir que os processos de representação, referenciação e regulação dependam de suas experiências tanto do “eu comigo mesmo” quanto do “eu com o outro”. Essa dependência fica evidenciada no processo de enunciação.

Esperamos, por fim, que nossa pesquisa seja inspiração, num sentido que só a TOPE possa determinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBISAN, L. B.; FLORES, N. V. **Enunciação em perspectiva** - Letras de Hoje, 2009 - revistaseletronicas.pucrs.br
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak; Maria Luisa Neri; rev. do Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães, et al; rev. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, E. **O aparelho formal da enunciação**. In: Problemas de Linguística Geral II. São Paulo: Pontes, 1989.
- BIASOTTO-HOLMO, M. **Para uma abordagem enunciativa no ensino de língua estrangeira: paráfrase e atividade epilinguística** / Milenne Biasotto-Holmo –126f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. 2008.
- BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica: ciência das significações** - trad. Aída Ferrás...et al. São Paulo: EDUC, 1992.
- CARVALHO, N. **O que é neologismo** – São Paulo: editora brasiliense, 1987.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation - Opérations et représentations**. Paris: Ophrys, Tome 1, 1990.
- CULIOLI, A. **Cognition and representation in linguistic theory**. In: Current issues in linguistic theory, 112. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, Tome 2, 1999a.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel**. Paris: Ophrys, Tome 3, 1999b.
- CULIOLI, A. **Variations sur la linguistique**. Paris: Klincksieck, 2002.
- CUMPRI, M. L. **Sobre o conceito de noção: a visão enunciativa do signo linguístico**. Palimpsesto, 2010.
- CUMPRI, M. L. **Língua e Linguagem: Possíveis Articulações no Ensino**, Marcos Luiz Cumpri - Revista Desempenho, 2010 - periodicos.unb.br
- CUMPRI, M. L. **A contribuição da teoria das operações predicativas e enunciativas para o estudo da produção textual**. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 01, n. 01, p. 8–25, jan./jun. 2012.

CUMPRI, M. L. **A Linguística culioliana e seus subsídios para investigação dos mecanismos semânticos das Línguas Naturais.** Revista Ecos vol.22, Ano 14, n° 01, 2017 - periodicos.unemat.br.

CUMPRI, M. L. **Da noção ao texto:** um estudo enunciativo da produção textual / Marcos Luiz Cumpri – Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.124 f.

CUMPRI, M. L. **Contribuições ao estudo da ambiguidade da linguagem:** uma proposta linguístico-educacional / Marcos Luiz Cumpri. – Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2012.

DASCAL, M. (Org.). **Semântica.** Campinas: Unicamp, 1982.

DESCLÉS, J. P. **Opérations métalinguistiques et traces linguistiques.** In: DUCARD, D. e NORMAND, C. (Dir.). *Antoine Culioli: Un home dans le langage.* Paris: Ophrys, 2005, p.41-69.

FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Aspecto da teoria de Antoine Culioli.** In: VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.p. 87-101.

GUIMARÃES, E. **Os Limites do Sentido.** Campinas, Pontes.1995.

KATZ, J. J.; DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística,** vol. III: Semântica. Campinas: Unicamp, 1982.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica.** 10ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

PATRIOTA, L. M. **A gíria comum na interação em sala de aula.** São Paulo: Cortez, 2009.

PRETI, D. **Estudos de Língua Oral e Escrita.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PRETI, D. **A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social.** *Fala e Escrita em Questão.* São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2000.

PRIA, A. **Para um redimensionamento do estudo do adjetivo: os processos enunciativos de variação semântica de falso.** Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

REZENDE, L. M. **A enunciação e a construção da significação linguística: um estudo sobre as orações comparativas.** Versão Beta, São Carlos, v. 38, n.38, p. 7-14, 2006.

REZENDE, L. M. **Léxico e gramática: Aproximação de problemas linguísticos com educacionais.** Tese (Livre docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

ROMERO, M.; [et al.]. **Manual de Linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2019.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral** /organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; trad. Anônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blinkstein. – 43ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, M. C. da. **Semântica** – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.

SIMÕES, M. **Gíria: Fenômeno linguístico e social** – TCC – Faculdade de educação São Luís, Núcleo de apoio Moema, Jaboticabal – SP, 2009.

SOUZA, J. W. A. de. **Por uma semântica didática: estudos semânticos voltados ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio** – João Pessoa, 2017. 196 f. Tese doutorado. UFPB/PROLING

VEREZA, S C. **Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem**. Niterói : EdUFF, 2007.

VOGÜÉ, S. de. **Invariance culiolienne**. In: DUCARD, D. e NORMAND, C. (Dir.). *Antoine Culioli: Un home dans le langage*. Paris: Ophrys, 2005, p. 302 – 331

VOGÜÉ, S. de. ; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.

ZAVAGLIA, A. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas**. São Paulo: Humanitas, 2010.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICA

AUGUSTINI. C. L. H.; LEITE, J. de D. **Os estudos enunciativos no Brasil**. Domínios de Lingu@ gem, v. 11, 2017 - Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem> Acesso em: 10/05/2021.

COX, M. I. P. **O homem na língua**. Domínios de Lingu@gem, v. 11, n. 4, p. 1111-1135, 7 nov. 2017. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/38228/21166>> Acesso em 10/05/2021.

PATRIOTA, L. M. **A gíria nos gêneros textuais: uma leitura interativa**, BC Grande–PB - inicepg.univap.br, 2004. – Disponível em:

<http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC0193_01_O.pdf>. Acesso em 27/08/2021.

PRETI, D. **O léxico na linguagem popular: A gíria. 1º SIMELP- Simpósio Mundial de Estudos de Língua**, 2008 – Disponível em:

<<http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S1802.pdf>>. Acesso em: 22/05/2021.

SANTOS JR, E S. **Descendo do salto: Uma análise sobre mal-entendidos na interação face a face do Celpe-Bras** - Anais do ICCAL-International Congress of Critical, 2015. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/textos-publicados/santos-junior-2015>> Acesso em 05/09/2021.

STUMPF, E. M.; GOMES, L. - **Sentido próprio e figurado segundo as perspectivas aristotélica e saussuriana de linguagem** - Cadernos do IL, 2016 - seer.ufrgs.br – Disponível em < <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/download/67772/39959>>. Acesso em: 20/06/2021.